

NADA

E

COISA NENHUMA

ERNESTO KRATNER

FIÇÕES UNIVERSO SEPARADO

NADA E COISA NENHUMA

© Ernesto Kramer

escrito depois de 1983 até alguns anos dos 90

Digitado em Curitiba – PR / 1998

Revisado em Matrixgá – PR / 2006

Edições Universo Separado

X X I

SUMÁRIO

Nem Garapa Nem Cachaça	2
Prisioneiro do Mundo	10
Encarar o Dado	10
Eu não vou Bailar na Curva	24
Encruzilhada	31
O vulgar Animal Humano	34
Grito de Justiça	42
Todo Comerciante è Ladrão	39
Bosta Esferóide	42
O Sonho Sem Fim	55
Suicida Libertário	64

NEM GARAPA - NEM CACHAÇA

NÃO DEIXES QUE O SILÊNCIO FIQUE SEM PALAVRAS

Ter que procurar tema é estar fora de tema. Minha cabeça, descansando, não assume. Passou todo um dia, inteiro, quase sem me dar conta. Descanso bem, levanto cedo, mas não quero pensar em trabalho. Nem tenho tema.

Um dia desses quando não há mais nada a fazer e não tem outra opção que escrever, sem que alguma outra coisa tenha prioridade. Coisa rara. Assim mesmo, acaba o papel.

Estou em um lugar bom, tranqüilo e limpo, provisionado de minhas necessidades. Nada do que penso que deveria estar fazendo é possível fazer. Nem sentido de culpa posso ter. Um dia de descanso.

Escrevendo para aproveitar de preencher espaço, fazendo listas das coisas que não consigo, não consigo fazer, não consigo conseguir, não consigo alcançar; do que fiz e passou; do que estou fazendo, assim como agora, escrevendo qualquer coisa “para soltar o pulso” e não perder o costume de ter o devaneio de escrever. Com capacidade para várias diferentes atividades que encontrei na vida, ou até aptidões grandes, fortes, para algumas coisas concretas que experimentei, mas vocação, profunda vocação para algo, digamos assim como priorizar depois do fato de existir e cuidar da própria supervivência, só se apresenta “escrever”. Que o escrito justifique socialmente minha existência.

Muitos pretenderão que a coerência se reflita em uma continuidade temática. Não quero, nem pretendo, nem me interessa anotar toda a seqüência do filme, nem nada em especial. Sim me interessa

relacionar as palavras em uma forma legível e pretendendo fazê-las compreensíveis. É o menos que pode pretender uma pessoa que escreve.

Como estas anotações não tem a finalidade de ser um tratado sobre qualquer coisa, me reservo a liberdade de entrar ou não em mais ou menos detalhes sobre qualquer assunto e de levar as descrições até onde eu disponha, sem nenhum outro compromisso que escrever uma quantidade de páginas que possam ser multicopiadas, dando-lhes o formato de um livro que possa ser mostrado. Sendo assim, a temática permanece ampla e variada, sem cair na tentação de escrever um abstruso tratado que esmiúce intelectualmente algum tema especializado. Além do mais, são coisas que a gente vai vivendo ao passar, sem que sua importância supere o fato de que são acontecimentos atuais próprios da atividade diária e banal no âmbito onde se acha a minha presença.

Os flashes da existência diária vão se intercalando no labor das anotações. O trabalho não pode ser constante e com dedicação exclusiva ou absoluta. O que a gente desenvolvia dias atrás se desvanece na falta de hábito e constância. Acontecimentos externos mudam os âmbitos de mentação e a concentração se vê afetada pela presença de outras pessoas, com atividades que se desenvolvem no mesmo lugar onde eu me encontro. Somente à noite está tudo tranqüilo. Agora não é o momento de escrever, ainda que a disposição esteja presente. Então a gente opta por dormir no horário de luz natural, quando há tanto barulho e movimento, e acorda só à noite, quando tudo está tranqüilo e dá para pensar sem interferências, dispersões ou desvios.

Os acontecimentos acontecem ao meu redor, enchendo de anedotas meu perambular. Algumas podem aparecer por ali, usadas em algum exercício de descrição, nesta língua bastante comum para um grupo humano calculado em mais de duzentos milhões de pessoas; realmente uma pequena minoria humana.

Fazendo o exercício de contar o conto a alguém, pode aumentar a nitidez da lembrança ainda fresca em seu passo pela memória. Apóio-me nesta técnica para tentar tecer um relato que, em todo caso, será imperfeito. Sucedem-se episódios que reforçam minha segurança nalgumas afirmações de reiterada confirmação, como o extremo aumento da violência e da delinqüência aqui, nesta cidade, e nos âmbitos que me toca contatar diariamente.

Surge a pergunta sobre como seria ter tempo para escrever. Como conseguir seguir o fio da trama sem ter que me preocupar de produzir outra coisa que não fossem letras, palavras, frases, parágrafos, capítulos, folhas e mais folhas escritas, sem interferência da panela de pressão que cozinhou as batatas. Aliás, sempre passo a maior fome quando me dedico a escrever demais.

Bem que não posso lavar roupa, pois os baldes estão ocupados com barro, com a argila que uso para produzir artigos de cerâmica. Também não posso seguir cozinhando porque ainda não tenho bastante água filtrada. Então, que/como se pode escrever, entre pulos e peidos? Pôr algumas palavras em um papel se torna labor do acaso e os temas ficam longe duma meditação profunda, condicionados aos fatos/acontecimentos de qualquer idiota momento de um dia a dia não planejado nem querido.

Assim não resta muito mais que sonhar aquela história aos pedaços, buscando inutilmente um lugar onde possa criar as condições que não dificultem ou impeçam o desenvolvimento da atividade desejada.

Então, não é possível, por agora, coordenar uma história. Nem há tempo para rever as anotações acumuladas durante anos. Se não fosse coisa de sobrevivência imediata, de tempo disponível em geral, existe o doméstico que absorve o tempo usado na batalha pela sobrevivência diária. O tempo de descanso é pouco e o laser

praticamente não existe. Escrever algo válido é impossível e o pouco que escrevo é inútil. Tudo o que faço não passa dum esforço exagerado para sobreviver em condições precárias.

Almoço pouco e cedo. Logo durmo até as três. Agora tenho que começar o dia de novo e esquecer tudo o que pensei que ia anotar hoje.

O impossível é inútil.

Quando acaba meu dia, tarde à noite, poderia escrever se tivesse mais energia e inspiração, tudo junto, neste mesmo momento, para aproveitar de aumentar as anotações. Gostaria de escrever a imaginação, pôr as imagens em papel, com palavras, com representações figurativas das formas e cores e movimentos e sons e cheiros, sensações que compõem nossa percepção do mundo. Gostaria descrever a dinâmica de um processo que seria uma história. Não teria princípio nem fim ou, mais bem, começa no fim e acaba com o começo, ainda que não é bem assim, porque chegando ao final pode começar diretamente de novo e descobrir que pode seguir lendo como se não tivesse fim nem princípio. Moebius explica. É algo que está projetado de antemão e condiciona o clássico final de um livro a um começo já escrito e lido.

Em câmbio, além de esvaziar o cinzeiro e desligar a luz, só vou à rede pra dormir, cansadíssimo por um dia menos de vida.

Começa outro dia. Fresco. Nebulosidade parcial. Tem que usar camiseta. A casa está cheia de formigas ou estou sonhando que estou dentro de um formigueiro. Não cabe mais nada. Somente formigas. São as formigas ou eu e minhas coisas, umas dentro e outras fora de casa, ou vice-versa.

Anotar tudo o que a gente faz, enumerar cada ato, são as intenções. Começar a sair da rede, seguindo com beber o resto do café frio de

ontem e enxaguar a cafeteira. Começar a matar formigas e anotar as projeções dos atos seguintes, ou aquilo que a gente poderia estar fazendo não existindo formigas, como curtindo outro momento de um dia estúpido qualquer.

Fazer contas, lavar roupa, anotar sonhos, preparar mais barro para trabalhar na produção, fazer a comida, as compras e, agora mesmo, inventar a história do exterminador de formigas. Não fazendo mais que o anotado. Agora tem que cuidar da água dos filtros, mas antes devo lavar as mãos cobertas de cadáveres de formigas.

Outro dia inteiro pintando as peças produzidas, sem erros. Empacotar e estocar o que é para vender. Cansado, sem dormir, consumindo pó de guaraná, café e erva mate para seguir funcionando. Sinto-me acabado. Não posso fazer mais nada.

Assim é como a gente vive. Uma corrida contínua atrás do tempo necessário para ganhar dinheiro. Alheio a toda utopia na vivência diária. O único desejo permitido pelo sistema é poder ter alguma vez muito mais dinheiro do que a gente possa “fazer” ou ganhar. Tanto, que deixe a gente em pé de igualdade ou ainda melhor, superior, a qualquer um desses outros poucos que tem tanto, tantíssimo mais que muitos outros. Quem não tem sorte, dizem, não tem acesso a essas oportunidades. A sorte se demonstra ganhando. Não ganhou, é porque não teve sorte. Isto não é utopia, é roubo, enganação e exploração de terceiros, numa civilização decadente.

Tudo isto, sem que as anotações sejam realmente importantes. São feitas para não perder o costume de escrever e para que não me seja tão difícil fazê-lo quando possa me dedicar primariamente a fazer uma grande quantidade de anotações. Agora não posso fazer isso, quando priorizo ordenar a roupa que está acima da cama, separando o que preciso lavar e o que ainda dá pra usar, enquanto olho - de reolho - meia garrafa de vinho borgonha, meu preferido.

Optei por um café-da-manhã leve. Fazendo café novo, tentando pensar nas compras pendentes. Vou remover o barro de três baldes. Começa a fazer calor. Cafeína na cabeça e cigarro na mão esquerda. A direita escreve por escrever. Anota por anotar, para não perder o costume - como já dito -, para chegar um pouco mais perto daquilo que queria estar fazendo com mais freqüência, com outro tema.

O serviço de sobrevivência ficou bastante adiantado. Se eu não o fizer, não poderia sobreviver. Até deu pra trabalhar nas anotações e parece que há alguma idéia por trás do que escrevi hoje. Tenho que dispor de mais tempo para isto, se não, toda minha vida vai embora e não poderei terminar. Ali é onde dificulta. Queria tê-lo tudo publicado, publicação estrela, a posterior introdução ao que deve seguir, que são as anotações do que não está publicado ainda. O que só está no rascunho e na idéia. O que se quer chegar a fazer.

É por ali a chave que abre à idéia central. A obra do sobrevivente que queria escrever e nada mais. Somente escrever, sem nunca parar de fazê-lo. Tentando desesperadamente de cumprir esse anelo, escrevia em todo e qualquer momento possível, sobre qualquer assunto ou totalmente sem assunto, com o afã de seguir escrevendo para não ficar sem escrever. Não é isso o que o pintor faz, quando trabalha pintando suas obras? Minha obra é escrita. É outra técnica, outra maneira de usar a composição criativa. É uma coisa diferente, mas também é arte e tão difícil de fazer ou entender, e como qualquer arte apresenta dificuldade ou facilidade de interpretação.

Assim se ingressa no mundo da literatura, até involuntariamente, como simples consequência do fato de escrever, que não é simples. É outro nível de intelectualização que a conversa ou a discussão comum, falada. Escrever para ser lido; estar por cima da comunicação oral. Círculo restrito à quantidade de exemplares que possam ser confeccionados. Leitores ocasionais tentando entender o que havia na cabeça de quem escreveu aquilo por acaso.

E tu, com meu livro na mão, que pensas, que sentes, que fazes? Onde estás? Te comunicas ou te trumbicas? Qual é teu caso?

<mailto:e-ernestox@hotmail.com>]

Não está claro como se chegará a publicar. Mereceria uma história aparte. Não me preocupo disso agora; primeiro tenho que escrever muito, a mão. Logo tenho que ir compondo na máquina de escrever. Mais de alguma coisa terá que ser modificada ao passar toda esta matéria a um primeiro original digitado, provavelmente ainda não definitivo.

Ali é onde está minha loucura. Sofro por não poder fazer o que não pode ser feito. Totalmente infantil, imaturo. Subdesenvolvido. Desnutrido mental. Ali está Maia, desfigurando a vida do homem.

É divertido: não lembro da data exata de hoje e não sei que horas que é. Está obscuro, começando a noite do que naquele tempo era.

Pois é interessante escrever desta maneira. Como não lembro do que estava escrevendo o outro dia, quando dormi esgotado e esvaziado de conteúdo, agora me sinto vazio ao começar. É ali onde reside a grande vantagem do sistema, que se pode valer de toda a estrutura de uma língua, dos costumes e das convenções, para estruturar um escrito, multicopiar e distribuí-lo, ficando eu agora mesmo com a íntima certeza que muita gente vai ler isto simplesmente porque é uma passagem pertencente a um todo e não porque esteja tão interessada no que está escrito aqui; porque se o tivesse sabido antes, nem passava por estas letras que nada tem para acrescentar à obra, se não é mais outra página totalmente dispensável como esta.

Postas assim as coisas, não é de estranhar que sinta uma certa resistência, íntima, interna, de entrar em tema. É como se aquilo não devesse me preocupar, como se não fosse bem por aí.

Tento lembrar se houve algum tipo de compromisso ao iniciar o trabalho. Comigo mesmo, só que ia escrever um livro, enchendo-o da maior quantidade possível de material legível. Com respeito ao leitor, devo crer que sua expectativa possa ser satisfeita. Mas como ninguém vai saber disto antes de lê-lo e eu não sei quem vai ler, posso me dar - aqui e agora - o luxo de escrever, enquanto chove fora de casa, cortou a energia elétrica e não deveria perder o fio do escrito para conservar certa coerência. Pois, afinal, o que é escrever?

Mas não se trata de escrever sobre o ato de escrever. Aparentemente está fora de tema. Surge ali o aparente compromisso com uma certa coerência temática, da qual o ocasional leitor possa se beneficiar na eleição de seus interesses. Mais nada. Ou simplesmente estou usando certos fatos de minha vida para escrever sem fim, sempre com a comodidade de não ter compromisso nem de ter que fazer um grande esforço de imaginação, que a ficção exigiria. Também não está fácil, na penumbra, com apenas duas velas e sem inspiração. Nada a declarar.

Capítulo Aparte

Tema: todo e qualquer coisa que queira recordar, como pode ser o prazer de escrever simplesmente pelo fato de fazer isso mesmo que o leitor está lendo. E tem que ter memória para tanta nada. Garantido. Grata é a experiência que me possibilitou a supervivência até este ponto e que me permite seguir sobrevivendo.

Então, antes de mais nada, café, depois de fazer tudo o que tinha pra fazer, produção, manutenção, provisão e ainda falta uma limpeza na cozinha. Nada do que foi usado para comer ou preparar comida foi limpo depois do uso. Parece um assunto trivial, mas não deixo de tomar em conta que durante doze horas não tive um período de descanso, salvo alguns minutos intercalados entre uma ocupação praticamente contínua.

O trabalho é intenso. Exige movimentação contínua. Ficar quieto, escrever, é um descanso. Vou viajar amanhã, me ausentar por três dias. Também tenho que deixar tudo preparado para sair sem pensar, sem necessidade de esperar que a consciência acorde e se faça presente lembrando tudo o que há para levar.

Me levanto zumbi e com pressa. Tenho que ter tudo no ponto de pegar e levar, para não esquecer nada aqui em casa. Ainda que quisesse dormir, descansar, sonhar ou, pelo menos, escrever.

Voltei ao meio dia e dormi um pouco antes de comer um pouco. Li uma deliciosa coleção de oito contos de ciência ficção. São antigos, prévios aos primeiros vôos tripulados da última civilização antes do fim da era vulgar. Li rapidamente as letras, sintetizei as palavras, elaborei algumas imagens baseadas no texto, e tentei filosofar sobre o dia de descanso que a gente sente que deve desfrutar quando está cansado. Alcancei a me deliciar com as estupidezes aparentemente inteligentes dos escritores, escolhidos entre os melhores de sua época. Não posso fazer crítica literária agora.

Minhas pernas pesam como se estivessem calçadas com pesadas botas. Houve bastante trabalho físico realizado. Pelo menos, está feito. Varrer, lavar e banhar com bactericida a casa recém pintada com uma demão de cal virgem, previamente fumigada com o barati-mosquicida. Amanhã vou encerar, antes de mudar a ela, a duas quadras daqui. Mas sempre persiste a vontade de escrever antes de dormir e seguir juntando mais páginas, engrossar a obra; porque não se trata de um mero folheto ou caderninho. É algo mais volumoso, complexo e completo, que possa dar espaço a um humor mais divertido. Ué.

Em algum momento poderei insistir neste tema, poderei voltar sobre ele e detalhar alguns aspectos dentro de outro contexto e assim exercer algumas comparações com tempos da Era Vulgar, quando este escrito começou a ser lido.

Agora mesmo me apraz mais dedicar minha atenção a escutar os barulhos fora de casa. Distingo um sapo, grilos e outros que não reconheço. Um motor, ao longe, de um veículo a gasolina. Poderia desligar a luz elétrica e acender uma vela, ou dormir pensando que todos neste Planeta estão razoavelmente bem alimentados, que possuem a roupa que lhes é necessária, e não lhes falta lugar para viver dentro de normas padronizadas de higiene e segurança; mais outros detalhes que são a base de todo esse imenso esforço por preservar a vida deles neste Planeta.

Não é pensamento para dormir. Dormir, só o braço esquerdo, devido à posição para escrever, na cama. Também não posso afirmar que a fome tenha sido erradicada, porque antes de ontem sábado e hoje segunda feira eu mesmo passei fome. Não chegaram provisões e eu nada tinha guardado. Domingo consegui um pouco de alimento, mas tive que viajar para isso. Para amanhã o problema está solucionado. Ou seja, outra vez não há tema.

Laranjas e Pêras Chinesas

Nesta ordem de coisas, é até legítimo colocar título a um capítulo que nada tem a ver com seu conteúdo nem com o restante da obra. Pode parecer divertido, ou não. Em si mesmo, demonstra outra vez a total falta de planejamento e a total improvisação de uma obra que apenas tem uma fraca idéia central. Além do mais, nem com isto se demonstra absolutamente nada e outra vez me dedico ao favorito entretenimento de escrever pelo puro prazer de fazê-lo. Tudo dá no mesmo, não gera discussão nem polêmica como, por exemplo, se eu afirmasse aqui coisas como que o deus dos cristãos não é cristão. Simplesmente é Deus, como o deus único de qualquer religião monoteísta.

Tivesse um plano, uma estratégia de pensamento, uma tática prevista, uma real capacidade de ser coerente com o escrito, eu poderia estar escrevendo agora sobre temas mais bem pensados. Mas estou em nada, apenas tentando esclarecer as bases que servirão para explicar o que estou vivenciando agora, sem fazer outra coisa que nada e, às vezes, anotando algumas lembranças/memórias de tempos ignorados e lugares que nunca existiram. E são lembranças, ainda que de um futuro incerto; são também as lembranças de casos e coisas que sempre ocorreram em todo lugar. Pois sempre, durante toda a história de nossa espécie, foram registradas experiências traumáticas, guerras, desgraças, hecatombes, pestes, terremotos, invasões, fomes, assaltos, acidentes, injustiças, prepotências, explorações, humilhações, enganos, roubos, violações, estupros, incoerências, imbecilidades e estupidezes, em todo e qualquer lugar deste Planeta.

Em vez disso, na nada mais abstrata, fazendo contas domésticas.

Eu sou escritor. O sei desde antes de começar a tentar usar a língua espanhola como canal de comunicação, quando já usava outra. Fui obrigado, pelas circunstâncias de minha vida, a aprender outras três e estudar mais outra meia dúzia, desde a educação primária, até o momento vital atual. Algumas aprendi bastante bem. Agora tento aprender a língua do país onde minha presença se encontra atualmente. Estou ancorado no Brasil de fim de milênio, ano eleitoral federal.

Faz favor, quero ter meu computador ligado na rede universal. Mas nunca estudei português. Escrevo do jeito que me dá na mente, para colocá-lo na comunicação global, competindo com todos os capitais existentes, em todas suas formas e expressões de força e poder. Batatas cozidas, com margarina e shoyu. Criando o próximo livro à par de projetos de sobrevivência. Chá de mangarataia. Instrumental na FM Educativa. Esfriando, mas o barraco está resistindo bem, quase tudo empapelado de jornal. De manhã que é bravo. O mundo

inteiro vai pirar com o heavy metal do senhor. Sobrevivendo de teimosia, com escassa perspectiva de melhorar. Pão no forno. Se não fizer o que consumo, não daria pra comprar todos os dias.

Pensando em escrever e escrever, e sem escrever até hoje, sem acabar o começado há tantos anos atrás. Às vezes só pensando em escrever, sem motivação suficiente para esvaziar a caneta no papel. Os dias, as semanas, os meses se sucedendo, sem a caneta tocar papel, deixando sem anotar, sem trabalhar, complementos do que foi anteriormente iniciado e que está ali, esperando pela continuidade da ação empreendida.

Tento culpar à falta de computador, mas não cola: nunca escrevi diretamente em máquina alguma. É pura falta de clareza e persistência nos objetivos. Deixação, desleixo. Me deixar envolver pelos fatos corriqueiros da vida, pelos acontecimentos fúteis, me acomodar no rolar do dia a dia sem tentar, sem lutar. Quem lê não sente, mais há dez anos nestas poucas páginas.

É o que o sistema faz conosco, os militantes da sobrevivência. O tempo é totalmente ocupado com atividades relativas ao esquema reduzido ao mínimo essencial: respirar, se alimentar, não ficar ao relento, conseguir algum ingresso monetário e manter um endereço. Também há que descansar, quando se pode. Não resta orçamento para financiar o tempo que poderia se considerar livre; o lazer extremamente reduzido a manifestações primárias e alienadas, em atividades longe de qualquer conteúdo cultural significativo. Jazz na FM. Copa do Mundo na caixa idiota.

Como dizer: mais uma anotação. O dia a dia. A vida da gente. Os acontecimentos do decorrer da vida. Os acidentes, as mudanças de percurso, a acumulação de conhecimentos e suas correspondentes interpretações, com os erros e acertos que estas produzem com freqüência. [Mais um parágrafo preenchido].

Ocupação de “hora vaga”. Exercício para descrever o imprevisível; para manter acesa a chama e ser conseqüente com o propósito. Apesar dos boleros da FM.

O tempo se estende por anos, esperando o melhor momento para recomeçar. Tomando notas nos intervalos, para não esquecer a direção dos atos, sem tempo de desenvolver uma seqüência, sem espaço para as palavras que deveriam ser impressas. Com a insegura sensação de que agora, outra vez, é aquele instante de recomeçar o que nunca foi terminado. Indescritível sensação de obrigações não honradas, de coisas por fazer não começadas e o direito a uma vida digna, a uma sobrevivência sem dores nem penas que provenham de outros humanos, nem castigos que não sejam divinos.

Assim, cada tantos anos, aparece uma oportunidade para rascunhar um papel com a caneta e a gente anota outro pouco do tanto que há para escrever. É bem provável que num caso como este é bastante perdoável que a continuação da obra não seja retomada desde o último ponto onde se deixou de escrever a vez anterior. Lembrando o escrito antes, encontro desde já justificada uma história não lineal, sem uma narrativa de ordem lógica, mas que, de todas as maneiras, possua uma trama que mantenha ou reflita uma idéia ou intenção central.

Até pensar nisto é mais fácil que usar a palavra escrita como veículo desta manifestação pública [como é um livro]. Muitas línguas e idiomas aprendi em minhas viagens pelo Planeta; muitas terras vi, com seus povos, raças, culturas e crenças diferentes. Ocasionalmente aprendi deles o que precisava naquele preciso momento, descobrindo de passo que não tinha necessidade de render um Doutorado em Filologia para um estreito e seletivo grupo de leitores, os que também nada iam aproveitar.

Muitas vezes a ortografia e/ou a gramática parecem vítimas de lapsos [ou relapsos], ainda que possa ser que tenham sido produzidos com o

propósito de liberar ou flexibilizar formas não acadêmicas, sejam estas de uso popular, inventadas ou tomadas por semelhança a outras línguas, ou por influência da metalinguagem popular hoje mais usada, a qual aplica rigidamente aspectos muito flexíveis, e todo mundo se entende bastante bem entre si. Ou se entendem bem porque podem flexibilizar a comunicação, apesar da rigidez das normas.

Assim vou até completar algo que possa ser reconhecido fisicamente como um livro, e que este esteja escrito; ou seja, esteja preenchido de matéria escrita na maior parte de suas páginas.

Sinto-me insistente: escrevo sobre nada mesmo. Mas o ato de escrever sobre não escrever nada mesmo ameaça em se constituir um fio condutor não desejado. Não vamos escapar do fato de que existe uma certa unidade na obra. Perfilam-se os alcances e limites temáticos. Não se dá mais do que se oferece, nem menos do que indica a intenção do ato, plenamente esclarecido no título.

Para o leitor é um negócio redondo, redondo, redondo. [Odeio esta parte, prefiro outra marca]. Pela capa, pelo título da obra, já se sabe o que se está levando. Nada sobre coisa nenhuma. Pegou, pagou, levou o que queria. Se achar alguma coisa além do que o título indica, pode classificá-la como um obséquio gratuito, um bônus, um prêmio, um extra que tende a valorizar a obra e enriquecer ao feliz mortal que adquiriu algo por nada.

Então é por ali. Se até um livro em branco vendeu uma imensa quantidade de exemplares, mais ainda deve vender este, que pelo menos tem algo escrito que é compreensível ao leitor brasileiro e até aos portugueses, moçambicanos e alguns outros, como aqueles que estão sendo ultrajados na ilha de Timor Leste. Contando, além do mais, com as traduções inevitáveis. E este, pelo menos, dá pra ler. Aturar é outra coisa.

Fica difícil fugir do tema, ao mesmo tempo em que não se pode desenvolver tema algum, a perigo de perder a nada proposta. A arte estaria na fuga da proposta, para que isto possa se manifestar em sua expressão total. Só assim poderíamos cristalizar a nada.

Nem estas elucubrações poderiam ser admitidas, pois já são algo e não representariam a nada. Mas não faz mal, porque não fogem do tema, cooperando ostensivamente no preenchimento do espaço destinado à obra. Pouco importa ou interessa a assimilação do leitor, a não ser que este entenda que aquilo que está lendo não tem outras intenções que aquelas manifestadas previamente e durante todo o decorrer do livro que comprou sabendo que ia encontrar nada. [Me incomoda a dupla negação. Nesta, o “não” está totalmente fora de lugar].

Então começa a ser atizada a curiosidade: qual será o volume de produção alcançado? Será que já tem bastante material? Quanto mais falta?

Neste ponto surgem considerações sobre o volume da publicação, sobre a conveniência pessoal de se seguir envolvendo em algo que ocupa o espaço do tempo livre com uma ação que não tem significado e utilidade, e nunca teve.

Assim é fácil visualizar o fim do desempenho, ficando como tarefa final a montagem dos fragmentos acumulados, seguindo um processo lógico, passo a passo até a aprovação final de um original que será impresso, com o fim de reproduzir a maior quantidade de cópias possíveis, de acordo com um mercado friamente calculado.

Fantástico!

Terminei um livro!

Parece assim de fácil mesmo, mas fica em pé a questão da valorização do mesmo. Por isto ser um tema em si mesmo, torna-se impossível a abordagem, ainda que algumas dicas foram dadas.

Mas, será que se conseguiu cumprir com o propósito exposto?

Não será muita empolgação acreditar que a gente alcançou o fim, ou será que ainda falta [muito, bastante, pouco, algo mais] por agregar; justamente aquilo que está faltando?

DE QUE SE TRATA? Qual é que é?

Faltam páginas por preencher. Tecnicamente precisamos de uma quantidade que seja um múltiplo de um número fixo, dado. Passou a mais, tem que preencher, obrigatoriamente, para não ficar em branco, um espaço preestabelecido; ou deve cortar, para ser contido num espaço menor. Mas cortar não está no plano, nem censura existe.

Além disso tudo, é muito pouca matéria para conseguir fazer algo que pareça um livro. Uma saída poderia ser aumentar o tamanho das letras, por exemplo.

Então a questão é seguir escrevendo/preenchendo folhas de papel até acabar. Deve chegar um momento em que você esteja lendo uma cópia do que estou escrevendo agora, à margem de nosso posicionamento temporal e espacial. Pena que este não seja o veículo mais apropriado para estabelecer uma comunicação mais direta. Poderia receber um feedback, que não mudaria coisa nenhuma. Para isso teríamos que estar na Rede, pelo menos.

Chego ao ponto em que não estou sabendo o que mesmo. Só a caneta se desliza sobre o papel, manejada por impulsos nervosos obedientes aos comandos de uma pequena parte de próprio cérebro. Quem ler tudo poderia se autoproclamar herói, sem brincadeira.

Posso [podemos] continuar, ainda seja só para reforçar essa imagem. Haja saco.

Ora bolas. Já escrevi outras coisas também. É só consultar a bibliografia. Mas a gente não pode estar se repetindo sempre. Além disso, a gente também tem que se exercitar para que, chegando a ocasião certa, possa possuir a disciplinada prática do ofício. É um ponto que o leitor me ajuda a desenvolver. Compreendido?

Então estávamos certos: não estamos desprovidos de um certo sentido, o que agrega um certo conteúdo a uma nada mais incerta. É um valor adicional que incorpora antimatéria a aquela coisa nenhuma. Assim dá pra ver quando a gente sai do contexto. Certo?

Faz bem pensar que isto terá um fim. Imagina só ficar a vida toda só nisto. Nem a receita daquele molho de hoje pode se dar. Os limites se manifestam junto à definição temática. O interesse no assunto está decrescendo e o compromisso com a atividade está diminuindo. Seria bom dormir agora. Boa noite.

Lavar quinze camisetas, além das meias, panos de cozinha, bermudas, cuecas, e pôr de molho a roupa de cama e o resto que sujou no intervalo. É como cozinhar: uma ocupação sem fim comparável ao “castigo” de Sísifo. Pelo menos este ganhou a imortalidade através de sua atividade, sem ter que se preocupar por lavar roupa, cozinhar, limpar a casa ou tomar banho. Só empurra a pedra pra cima do morro, deixa rolar de volta pra baixo, desce assobiando com todo o tempo do mundo a seu dispor e a empurra pra cima outra vez.

Não dá pra saber qual situação é melhor ou pior. Será que ele ri de nossas ocupações e preocupações mundanas? Ou terá vontade de trocar com algum de nós, trocando sua privilegiada imortalidade por uma morte certa? Será que ele é liberado para fazer a barba? Deve ser minha próxima ocupação, antes de tomar banho.

Feito. Então agora dá para escrever mais um pouco, antes de começar a preparar o almoço, o qual deveria estar pronto e consumido antes do começo dos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol. Esse não tem problema de comentar. Total é tanto nada como coisa nenhuma mesmo. Só serve para preencher espaço vazio, sem significado nem influência na evolução humana propriamente tal.

É bastante similar a esta obra, com suas devidas diferenças de método e forma de expressão. Pessoalmente prefiro escrever antes que chutar bola, ainda que não dispense de um bom jogo de chutebol na caixa idiota.

O problema, nesse contexto, é que desde o começo da copa do mundo estamos atravessando uma fase de pé frio, dando zebra em todas as nossas preferências e torcidas. Fase negra, que deve ser superada e seremos campeões outra vez, para alegria de nossa torcida, que assim esquecerá seus problemas cotidianos, a péssima performance da economia global e a venda da Telebrás.

Pra gente, pelo menos é mais interessante e entretido que a novela global e parece bem menos nocivo, apesar de que o anarquismo neoliberal esteja conseguindo penetrar o esquema desportivo, descaracterizando totalmente as formas e fins duma competição honesta.

A festa do povo se transformou em fonte de grandes lucros para fatores totalmente alheios ao torcedor ludibriado traiçoeiramente. Mas isso é capitalismo total e quem é capitalista que se foda; tanto faz.

Isso é tranqüilidade. O filho, que estava chutando bola, vem pedir licença para almoçar em casa de um vizinho. Rockinho besta na FM. Café e fumo. Hortelã pra chá secando. Tempo para escrever, tempo

para criar alguma coisa mais consistente e significativa que isto. Hora para mudar de tema, o que implica sair deste contexto.

Ficam aqui centos de páginas manuscritas, comprimidas por gotas de tinta para caneta, passadas a máquina e logo copiadas e recompostas em computador, em impulsos incansáveis de um momento em que o serviço se amontoa e não se consegue efetivar coisa alguma e tudo nos conduz a um desgaste, nas atuais circunstâncias em que se encontra minha presença neste Planeta no qual os seres humanos, todos juntos, estão tentando de se exterminar, aceitando isto como uma solução total e fatal, transladando esta atitude à intimidade de todos e cada um de seus atos, para consigo mesmo e com qualquer outra pessoa ou coisa.

Ameaço voltar mais tarde, em qualquer momento, qualquer dia, de qualquer modo, com qualquer outro devaneio. Até então.

PRISIONEIRO DO MUNDO

**somos iguais a todos os povos do universo
que preferem a liberdade como modo de vida**

ENCARAR O DADO

Desde que eu me lembro de algo e como sempre estive claro, temos saído da água, tal como se sabe desde o primeiro que o soube porque emergiu da água e transmitiu esta história a seus descendentes que tiveram sempre disso consciência. Assim sempre o temos sabido e nunca houve dúvida de conhecer nossa evolução em todos os detalhes e aspectos. Nunca pode haver alguma dúvida sobre o que todos sabemos da absoluta realidade consciente sobre nós mesmos e nossa existência sob o atual aspecto humano.

Compreendi a cadeia de acontecimentos que me trouxe a minha presença atual. Assim pude ir apreendendo sobre meu futuro, predizendo o futuro junto aos que são como eu sou. Então, sempre, seguimos confirmando nosso saber entre nós, como o seguirão fazendo nossos descendentes.

Minha procedência pode parecer pouco comum ou até estranha. Igual a meus conterrâneos que chegaram e coabitam conosco, passei um período confinado na cápsula onde comecei a me familiarizar com minha nova aparência: aquele corpo que chamo - ainda - carinhosamente de “meu traje espacial”. Quando foi o dia de sair, me deslizei pela única abertura e sofri um forte choque ao inalar o ar tão rico em oxigênio e que continha tantos gases estranhos. Escapou-me um grito e, ao voltar a inalar, tanto ar me apertou a barriga que oprimiu a bexiga cheia de líquido, em meu traje espacial, com o

resultado que urinei duas ou três pessoas que estavam perto demais. Estive a ponto de me envergonhar por ofender assim esses humanos, mas eles limitaram-se a lançar mutuamente algumas piadas que perdiam a graça ao ser repetidas mecanicamente durante gerações de parteiras.

De meus pais não me lembro muito bem. Mais forte registrei em minha memória o contato com pessoas que brincavam conosco, outros infantes ou gente maior, que cuidava de nossa alimentação, higiene e preparação educacional. Os pais se diluíram em uma sucessão de ausências e imagens simbólicas, próprias de nossa mentação. Os educadores nos foram inculcando gradualmente alguns conhecimentos e fomos crescendo com a experiência de estar construindo nossas próprias vidas, visando uma comunidade não agressiva.

Nossa história conta as nossas migrações por este Planeta. Em muitas culturas reconhecemos o passo de nossa gente, e a influência de nossa presença passageira em usos e costumes de lugares muito diversos. Muitos dos nossos dispersaram-se ou se desenvolveram em forma totalmente independente, sem contato com grupos mais centralizados. Como muitas das primitivas civilizações, custou-nos achar um lugar onde pudéssemos nos estabelecer, depois que um grande cataclismo nos expulsou do lugar mais antigo que registra nossa memória coletiva terrestre.

Conhecemos a existência passada de muitas civilizações, que são desconhecidas aos historicistas atuais. Nossa supervivência está tingida de penúrias e tristezas, de sofrimento, lutas e esperança. Passamos por momentos muito difíceis, além de diversas mutações.

Em certa época e lugar tivemos que viver nas árvores. Descer à terra, ainda seja para agarrar qualquer coisa num pulo rápido, era perigoso e freqüentemente mortal. Foi então que batemos as legiões encouraçadas de um império, com os galhos das árvores.

Fomos gigantes que não temíamos as imensas feras que nos disputavam como se disputa um prato de comida em dias de fome, ou uma delicadeza especial numa mesa farta de banquete.

Atravessamos pacificamente vastos territórios ocupados por raças estranhas e desconhecidas. Fomos guerreiros que ocupamos o trono de quem quis nos conquistar. Nossa cultura traz consigo os conteúdos de nossa história, viva hoje na consciência de nossos semelhantes.

Vindo nossa semente do espaço, criamo-nos aqui, com a força e vontade posta em nossa evolução e desenvolvimento. Sobrevivemos como grupo e como indivíduos, e queremos sobreviver como espécie universal, junto com aqueles com os quais nos possamos comunicar e conviver em forma não violenta.

Apenas sou um sobrevivente. Custódio transitório dos bens que me foram confiados. Ainda não fui assassinado, nem pereci de alguma outra forma tão natural como esta, aqui. Agora me limito a compor minhas memórias, à medida que o horóscopo vai girando sua roda. Lembranças de instantes terrestres. Em trânsito pelo Planeta Terra, uma testemunha em vivo e direto das atrocidades da Civilização Humana; me protegendo do gelado vento outonal num quarto de hotel barato.

Já pensou o que faz que aos humanos seja tão difícil conviver? Dizem que há paz, somente porque o Planeta não está em guerra total. Mas a violência está em todas as relações. Tem momentos que fico maravilhado de minha sobrevivência. Ontem morreram dez, inocentemente assassinados num lugar por ali. Quase nada, comparado com outros lugares. É coisa diária e corriqueira. Quantos outros morreram por iguais razões e circunstâncias, matados por seus iguais? Sem contar os feridos, os torturados, os impedidos de trabalhar e de se expressar. E por que centralizar a atenção em

lugares isolados. Não são só as notícias dos lugares mais próximos que nos tocam. E também não é coisa de um regime especial, nem só de uma forma política, nem de alguma religião, em lugares isolados. É coisa que acontece continuamente em todos os cantos e rincões de todo este Planeta.

EU NÃO VOU BAILAR NA CURVA

Ao sair de casa tinha um porco na esquina da avenida, passeando em direção à casa que abandonava. Tinha outro na próxima esquina. Eu só ia caminhando e percebendo o setor cercado por outros dois porcão, além da atividade desusada de veículos policiais, atípica dum dia tão comum e normal. No ar, além da pura imaginação, está a presença desagradável da repressão. É como o faiscar intangível, ameaçante e controlador, intruso e ofensor da privacidade. Não gosto. Tomara que pudesse estar certo que não vou bailar na curva. Não quero. Por razão nenhuma. Devo estar fora de toda suspeita, inalcançável pela má intenção, típico como o indefinido.

Eles olham o papel onde diz minha idade e não me olham. Não se interessam por outro detalhe que não seja esse estúpido número que indica o tempo de minha permanência neste Planeta, até este momento. Eu sei que só representa minha idade biológica, de acordo com a transição de minha presença atual. Não é minha idade e não a sinto como tal.

Venho da Luz, a Luz é comigo e para a Luz voltarei quando cumpra meu ciclo. Sou tão velho como o universo e tão jovem como o dia de amanhã, que despertará em mim com a sempre renovada promessa de uma vida melhor.

Aqui, neste Planeta, onde estou em trânsito, levo comigo uma nacionalidade, obrigado pelo fato de ter ocorrido minha plena assimilação física a este âmbito num lugar geográfico específico. O governo deste lugar/cidade cobre uma certa extensão de terreno num espaço maior chamado país, do qual sou identificado como cidadão de cédula numerada na mão. Quando não estou ali, preciso uma autorização específica para realizar atividades de sobrevivência noutro lugar. Quando não estou autorizado legalmente, não posso realizar outra atividade que não seja gastar dinheiro e posso ficar só o tempo que demorar em gastar o que tiver.

Realmente não está fácil. A comida muito escassa, transporte e comunicação quase impossíveis, sem luz elétrica, as águas servidas correm pelas ruas, chove quase todos os dias e tudo se transforma num barral fedorento; a casa não tem piso mas sim muitas goteiras, houveram três crimes em três semanas, assaltaram a padaria, algumas noites escutam-se tiros. Mas o pior de tudo é a perspectiva de melhoria.

Por sorte os vizinhos mais chegados são gente boa. São pobres, humildes, alguns deles muito ignorantes, mas não são ruins. Isto ajuda a agüentar, mas não a progredir.

Minha conclusão é que devo ir embora, tenho que sair daqui, deste lugar onde sou discriminado, perseguido, excluído. Uma força muito grande se opõe a mim e não posso encarar uma batalha. Minha vida corre perigo. Duas vezes tentaram me matar. Sou pessoa não-grata. Nem eu mesmo tinha caído em conta da profundidade do ódio que me tem certos elementos chegados ao poder central. Me perseguem,

me tiram de qualquer projeto, não me deixam viver em paz. Minhas atividades são suspensas, boicotadas por quem se considera meu inimigo. Serviu para me abrir os olhos.

Não tem sentido em insistir, nem é possível. Qualquer dia, por nada, me armam uma cilada qualquer e nem vou poder me defender. Não é exagerado pensar assim, porque é assim que se faz aqui. Não existe diálogo. Se obedece calado e cegamente, se apóiam as lideranças designadas, por cima de tudo e apesar de qualquer irregularidade, ou se corre perigo de morte. A melhor política é não participar de nada que não seja indicado pelo núcleo do poder central, através de seus representantes.

Eu fui descartado. Mobilizei-me um par de vezes, infringindo fortes derrotas a esferas hegemônicas; feri os interesses de forças econômicas e políticas importantes, atuando sozinho. Agora me temem e não darão outra oportunidade, nem uma chance de me redimir. Estou totalmente fora de lugar e em constante perigo, encurralado. Só posso pensar em ir embora. Não existe outra solução. Tenho que me centrar em sair daqui e decidir para onde fazer-lo.

O transfundo de tudo pode se resumir na palavra-chave “corrupção”. O grande roubo da administração pública, que é levado ao máximo pelos sequazes dos poderosos e se repete em todo nível. É uma máquina de enriquecimento ilícito que mantém oprimido o povo explorado e enganado. Quem pretende ser honesto é afastado. Está fora do “esquema”. É todo um grande merdal, uma panela de cobras, lagartos, aranhas, escorpiões, que só se comunicam entre si para poder roubar ao máximo.

O ser humano não conta, a não ser como instrumento usado para fins de enriquecimento dos buro-tecnocratas e políticos. Eles se encobrem e defendem entre si. Perseguem juntos a quem se opõe. Acabam com quem não seja de sua conveniência.

Agora sei mais que antes das relações e maneiras de atuar desses monstros. Agora entendo melhor sobre a força e poder do esquema. Entra política e a religião não é alheia. É cruel, desumano e sem escapatória. Não perdoa, mata direta ou indiretamente, sem compaixão. Um sistema muito filho da puta, que eu tive coragem de enfrentar e, pior, derrotar.

Ganhei algumas batalhas, mas não a guerra. Infringi perdas apreciáveis, mas em setores limitados, que não colocavam a besta em perigo. Esta segue viva e está se vingando. Se lhe apresento outra batalha, não me deixa vivo. Assim não tem sentido lutar. Não tenho alma de mártir.

A pergunta é até onde alcança sua esfera de atuação. Não ponho em dúvida que seja nacional, ainda que seu nível de profundidade deva ser bastante superficial. Não houve, por minha parte, ações ilegais que permitam uma perseguição oficial e aberta. Mas não será fácil achar um porto seguro. Os cães são ferozes, especialistas em perseguir e derrubar, apesar de ser bastante incompetentes na profissão assinalada. É possível que fiquem satisfeitos se eu desapareço de sua área de influência imediata, mas minha posição já se tornou muito desconfortável neste Planeta.

Não contava com isto. Estava ilusionado com a realidade dum mundo inexistente. Esqueci a ferocidade das feras. Agora que entendo melhor a realidade social deste lugar, já é tarde e não tenho mais para onde correr. Nenhum lugar, nenhum país. Não pertenço a um grupo organizado, não sirvo a ninguém, apenas tenho um que outro amigo ocasional sem compromisso. Estou sozinho, como quase sempre.

Sozinho contra todo esse ódio e até devo crer que eles têm um certo medo de mim. Fui muito bom em meu acionar. Devem imaginar muitas coisas de mim, sem poder me encaixar num esquema lógico

para eles. Nunca entenderiam por que eu fiz o que fiz, sem um apoio, só defendendo uma porcalhada de lugar de trabalho. Agora, dos que defendi, ninguém se lembra do que fiz por eles, nem reconhecem o benefício que tiveram. Entregaram-se ao poder e voltaram a retroceder.

Grande erro de minha parte? E como ia a ficar calado, quieto, inativo, se todos estávamos sendo prejudicados, enganados, roubados, injustiçados...

Estranha sensação me produz esta situação. Nunca estive em algo igual, assim tão pior, ainda que já passei por situações de perigo antes e não é a primeira vez que vou fugir de um lugar. Não tenho medo, porque o perigo não é manifesto, não tem balas e bombas, como em uma guerra aberta. Só sei que o perigo existe e que meu caso ficaria bem mais grave, perigoso, se eu insistisse no combate. Isto não me interessa por motivo nenhum. É dizer, ficar sim interessa, mas tenho que reconhecer que logo, mais tarde, teria que desistir. Então é melhor ir agora. Sem dúvida.

A compreensão disto é um golpe duro, forte. Derruba uma visão da realidade social humana. É muitíssimo pior do que nunca acreditei. Só por esta revelação, o feito vale a pena. Para minha consciência, melhor isto, antes que acreditar no esquema do sistema. Ainda doa.

Pois isso. Nada que levante o ânimo. Barra pesada. A situação em este país está péssima e quando a gente pensa e examina um pouco mais em profundidade e detalhes, vê que a realidade é muito pior do que parece. Não tem chance de melhorar e menos ainda de progresso social. Por sua forma, estrutura, idiosincrasia, etc., o país está condenado a ficar fora da esfera mais adiantada do Planeta. Muito pior, bem atrasado. Não existem dados alentadores. É tudo um absoluto baixão astral.

O próprio Planeta parece estar muito louco. Nenhum lugar parece a salvo de algum tipo de crise violenta. Me faz sentir encurralado, prisioneiro. Viajar perde o sabor de conhecer o novo, para se converter na fuga de um lugar insustentável. Não há espaço para ilusões.

O Planeta parece estar imerso numa síndrome de fim de século. Sempre houve crises psicológicas e sociais nestas épocas. Mas agora está agravado pela síndrome de fim de milênio, o segundo dos cristãos, influenciados por uma cultura apocalíptica que permeia a psique de uma grande parte dos humanos.

Não acredito no que eles acreditam. Vejo a desgraça de outra forma e me importo com isso. Me preocupo. Me da pena e raiva, revolta. Não consigo me desconectar e fazer minha vida como se nada estivesse acontecendo. Sinto-me sozinho nisto, ainda que há outros, ainda que por aqui pareçam poucos demais, escassos, quase ausentes. Assim me converti num dissidente social isolado, solitário, com minhas opiniões e pontos de vistas pessoais. Não concordo com as coisas como são/estão. Não posso mudar nada e estou obrigado a seguir o jogo que desprezo, para poder sobreviver.

No fundo do poço. Ainda, ou como sempre. Hoje, outro dia qualquer como tantos outros, crucial na sobrevivência. Decisões absolutas, importantíssimas, que dependem de outros que não sou eu, seguem me convencendo que as coisas devem ser feitas pela gente mesmo. Ou me vender como escravo, junto a minha integridade presencial. Não acho o caminho do meio, que me deixe um plus de liberdade para realizar, ainda seja em parte, as tarefas que me impõe meu conceito do mundo e da realidade.

Meu destino em mãos de outros. É ridículo e estúpido, mas é assim mesmo. Gente humana como eu, que não me conhece, que apenas tem me visto ou conversado comigo, a quem não importo além de uma relativa utilidade que possa ter para eles, decidem sobre minha

vida. Eu sozinho, por muito ou pouco que faça, nenhum valor tenho. Sem uma produtividade econômica que gere lucro, não gero dinheiro. Somente sendo como eles, explorando o trabalho de outros humanos, poderia melhorar minha vida.

Pior ainda é o aberrante nível dos trabalhos que o sistema me permite realizar. E mais, para realizá-los devo renunciar a toda atividade pessoal, pois são assim tão absorventes. Também nem sequer deixam lugar à possibilidade de que por meio dessas ocupações me “libere” dos condicionamentos econômicos e sociais. A gente fica cada vez mais preso a uma viela sem saída.

Por outro lado, o estudo do âmbito que me rodeia indica um deterioro progressivo, acelerado e irreversível das condições de vida e das possibilidades de sobrevivência. Fatos concretos apontam a inflexibilidade de um sistema sócio-econômico que parece condenado à desintegração e ao caos definitivo. A falta de consciência humanista nos integrantes desta estrutura e a ausência de proteção/segurança social, são apenas alguns aspectos que dificultam a tarefa da própria vida. A existência se manifesta como a luta constante pelo cotidiano, em dura competição egoísta e desleal.

O desafio colocado por esta problemática parece pouco menos que impossível de superar. Por onde está o caminho? Aquele que não obrigue a renunciar aos ideais e concilie a necessidade de sobreviver com a evolução e o crescimento pessoal, sem prejudicar a terceiros nem à ecologia do Planeta. Qual é a forma e as possibilidades reais?

Nada fica, salvo a dor, a impotência, o fracasso, a fome e a miséria.

**OS PODEROSOS NÃO AJUDAM
A QUEM CANTA LIBERDADE.**

O problema se me apresenta com um fundo insolúvel. Rejeito qualquer alternativa, desestímulo qualquer iniciativa. Qualquer

necessidade ou prioridade é deixada a um lado, trocada por uma soneca. Não tenho mais alegria: desvaneceu-se. Nem falar de felicidade. Algumas satisfações são apreciáveis, mas não muito profundas. Não há retorno, a decadência é grande. Não quero mais nada e nada de nada.

Que posso dizer ou pensar, quando já mais nada pode ajudar? É niilismo reconhecer que mais nada tem solução? É derrotismo crer que tudo está perdido? O que é não ver nem uma possibilidade evolutiva? Como se faz para sobreviver uma fase destas? Tem alguém que possa dar uma guinada, uma mudança profunda e drástica ao imundo mundo objetivo que me rodeia? Quem pode mudar a realidade?

Percebo que o Planeta está passando por momentos cruciais de sua existência, chegando perto do momento decisivo de uma destruição total ou a aceitação de uma sobrevivência sem vencidos nem vencedores. Estou aqui tentando pensar no café da manhã de amanhã, sem ter que ser necessariamente destruído. Assoa a imbecilidade galopante, mas a luta pela sobrevivência ocupa totalmente meu dia. Apenas fica tempo para algumas anotações, com muito tempo entre uma e outra. Estou tão imerso no sistema, que apenas posso pensar ou falar. Os atos que realizo são condicionados e passo por ali como qualquer filho de vizinho, querendo apagar essa imbecil humanidade que me rodeia, incomoda, implacavelmente perturbadora de minha individualidade e privacidade. Sem qualquer liberdade para poder realizar qualquer ação que eu pudesse albergar na intenção de minha vida.

ENCRUZILHADA

Neste marco, as liberdades concedidas não podem parecer excessivas e não me abandona a estranha sensação de querer estar no lugar errado, ante a ânsia de escapar da onda de violência co-presente à existência mesma neste lugar que representa tamanha infelicidade.

A restrição da sobrevivência é estranguladora, como suponho a pode registrar qualquer ser humano neste momento, em qualquer lugar do Planeta. É como se todo acionar for encaminhado à própria destruição, coordenada e levada a cabo por todos e cada um de nós. Um imenso impulso de destruição terrestre, prestes a acabar com todo vestígio desta imprevista história.

A imperfeição se auto-elimina, como quando o experimento não obtém sucesso. O processo pode não realizar um salto qualitativo. Imbecil destino para quem quisera nunca voltar a aparecer neste pesadelo estúpido. Enfim, a energia é verde e chama-se dólar; ou seja, a forma que assume a dívida num momento dado. Isto agora, quando desaparece o circulante e ninguém, ou muito poucos, escassíssimos entre tantos ainda sobreviventes, injetam algumas migalhas num sistema paralisado pela ânsia de autodestruição. É um suicídio assumir créditos, financiamentos ou empréstimos. O trabalho puro não tem valor por si mesmo. Com esta dinâmica o sistema não pode arrojar resultados positivos.

Todos temos que adquirir mais quantidade de dinheiro em cada momento de nossa existência, que se converteu em uma dívida crescente pelo simples fato de ter nascido e sobrevivido. Isto afeta a todos, absolutamente a todos os humanos que habitam este Planeta. Viver para correr atrás do dinheiro, para poder seguir sobrevivendo. Não evita a morte, mas faz possível a sobrevivência parcial e limitada.

Precisaria de uma máquina cibernética para aliviar o manejo de tanto dado, e escrever pelo menos um livro sobre o tema, para poder falar coerentemente agora sobre o complexo aspecto da economia vigorante neste arrevesado Planeta. As especulações com abstrações acidentais ou propositais pretendem refletir realidades objetivas da sabedoria divulgada, mas não podem encarar alguma coisa crível. É como se estivessem se esforçando, dando o máximo da imbecilidade possível, para dissimular o imenso buraco da armadilha que se gestou quando apareceu entre os humanos o conceito “dinheiro” e suas possíveis formas de aplicação e uso num sistema econômico planetário, onde os ganhos e lucros ilimitados poderiam ser teoricamente alcançados por todos e qualquer uma pessoa, sempre, por toda a eternidade.

Encarado o dado, relacionando com o atual estado de extrema necessidade que atravessa a grande maioria da população, parece óbvio demais que o sistema não funciona como foi proposto. Muito pelo contrário.

Estamos vivendo o mito anarco-neoliberal que desagrega a humanidade e coíbe a integração comunitária. Ele produz o conflito entre globalização e sua conciliação com as necessidades reais e objetivas dos humanos. O sistema financeiro é inadequado e os setores informais são discriminados e reprimidos. As formas de tributação reduzem a eficácia do sistema produtivo. A luta distributiva produz desagregação.

O neoliberalismo é uma ideologia que até pode se disfarçar de evolutiva, filo social-democrata, inventando de passo camaleônicas semelhanças socialistas. Maneja uma perigosa adaptação à conveniência / necessidade que dita o voto político e é muito dependente da manipulação deste. Na realidade, a prática oculta uma economia de guerra dirigida à ocupação territorial pelas elites, com imenso sofrimento dos povos ainda sobreviventes.

Poderíamos perguntar qual será a imagem do dia em que a hiperinflação se manifeste em forma planetária? Indefectivelmente deverá chegar esse momento. Sabemos que é inerente aos ciclos inevitáveis do sistema capitalista, que hoje chega a sua máxima expressão no esquema anarquista neoliberal.

Sinto que nem vale a pena me adentrar por elucubrações sobre este específico ponto. O liberalismo sempre foi o último refúgio do político fracassado. É uma aberração sistêmica. Tem que deixar muitos à margem do desenvolvimento, longe dos lucros e benfeitorias, para que poucos possam desfrutar de grandes riquezas. Isso é criminoso.

Existem relativamente poucos humanos que possam trabalhar nas atuais condições de mercado. Quem fica fora do esquema produção / serviço não consome. Não pode, está impedido de consumir. O esquema social aceito / adotado não beneficia o desenvolvimento econômico. Inibe o desenvolvimento e marginaliza multidões. A maior parte dos integrados / não marginados do fluxo monetário, é sobrecarregada em suas ocupações e precariamente retribuída. São minorias que conseguem ocupações fixas, que permitam certa segurança e dignidade na sobrevivência. São pouquíssimos indivíduos que se beneficiam em forma desmedida do sacrifício social de todo o resto da humanidade.

Isto é o que tem que mudar. A ambição deve ser redirecionada com sentido social, criando a imagem de si mesmo e de sua própria sobrevivência e bem-estar, integrada na organização social. Identidade do ser humano com seu âmbito de vida. Deve-se dar um rotundo não à individual corrida ao rápido enriquecimento, mas deve se priorizar a identificação com a melhoria de todo o grupo social, em sentido amplo, a sua vez relacionado / estruturado / organizado em nível global.

O VULGAR ANIMAL HUMANO

Podemos ser vistos como uma espécie de terminal, um terminal físico cada um de nós, unidos a um computador central virtual, inexistente num plano físico / material. Não quero nem entrar em discutir se existe ou não. No plano físico comprovável empiricamente, se estabelece a comunicação entre humanos e cada um se define contraditoriamente ou em harmonia com respeito aos outros.

Um exemplo presente na psicologia materialista, tanto como na pseudo-religiosa, é a sistemática repressão da inteligência. A humanidade inteira é lesada pela informação reprimida, tergiversada ou absolutamente falsa. Esta é uma expropriação violenta dos conhecimentos que deveriam ser comuns e compartilhados por toda a humanidade. A manipulação do conhecimento chega a estabelecer certas castas que justificam e fundamentam filosófica e religiosamente a exploração de seus semelhantes. A confusão ideológica chega a ser bestial. O próprio sistema de circulação da informação leva em si, primordialmente, a intenção de lucro, que define elitistamente os que obtém acesso a ela.

Para “animais inteligentes” de maior atividade neuronal, elaborou-se um tipo de sub-cultura, que elimina drasticamente não somente toda outra cultura, mas que não considera em absoluto a formação consciente dos seres humanos. Cultura é mais uma mercadoria que deve produzir lucro e está no mesmo nível e nas mesmas condições que qualquer outra mercadoria que persiga o mesmo fim, obedecendo a leis de mercado e se atendo ao jogo e às prioridades estabelecidas num sistema alienante, mais do que opressor, destruidor dos valores que ofereceriam um real impulso evolutivo à espécie.

Fomenta-se o dogmatismo individualista como miragem de liberdade pessoal. Em seu máximo egoísmo, este afirma que *“a verdade é como eu a interpreto”*, sem considerar em absoluto o riquíssimo acervo cultural e científico da humanidade, o qual deveria estar ao alcance e disposição de todos, de forma gratuita, com o fim de desenvolver e aplicar todo o potencial que os humanos temos.

Todo sistema que dificulte ou impossibilite a ampla e livre circulação de toda informação, é um sistema que prejudica o desenvolvimento. Quando, além disso, a informação é manipulada e negociada por uma minoria que se apossa dela e dos meios que a transmitem, se produz uma aberrante involução, própria dos mais obscuros momentos regressivos.

Imensos recursos financeiros são desviados a uma autodestrutiva exacerbação da violência. Para os messias do fracasso não é difícil achar exemplos que justifiquem suas visões apocalípticas. Aos messias do futuro não resta mais do que abominar das idéias derrotistas, que por sua mesma espécie deixam sem valor toda a história da permanência humana neste Planeta. Somente podem valorizar o renascimento da vida plena e dos iguais direitos de todos de gozar a vida em seu máximo esplendor.

O poder não está explicando as coisas com clareza. O engano é grande demais. Não há coerência entre o Plano Econômico Mundial e o futuro da espécie. É o erro primordial da cultura de consumo. Os limites já estão praticamente ultrapassados, chegando perigosamente perto de uma situação catastrófica. Ainda assim se continua insistindo em métodos de produção que fazem imenso dano ao meio ambiente, produtos supérfluos e/ou mal feitos, produção de riqueza e repartição desta de um modo que acelera a destruição do restante, incluindo os seres humanos que possivelmente cheguem a povoar este Planeta por mais alguns anos.

GRITO DE JUSTIÇA

Não pode qualquer minoria se sentir com o direito de se apropriar autoritariamente dos bens pertencentes a toda a humanidade. O conhecimento está entre estes e pode se considerar recompensa, mas não apropriação. Não é lícito comerciar a informação, a formação ou a cultura. Não há sistema, crença, doutrina ou religião alguma que quiser se chamar humanista, que possa justificar em forma coerente, sem contradições, a violência econômica que está se praticando contra os habitantes da Terra, degradada por uma fanática veneração de valores totalmente opostos a uma salutar convivência pacífica.

Os principais sistemas que regem hoje o Planeta e a seus habitantes estão condenados ao fracasso. Nenhuma mente medianamente clara poderia aceitar a possibilidade que algum destes chegue a ser adotado definitivamente como modelo para o futuro. Estamos transmitindo porcalhada e produzindo sofrimento infinito em nossos descendentes, multiplicando a dor que os povos sofrem hoje. Pretendemos que sejam tão imbecilizados que nem possam criticar aos que destruíram o Planeta para eles? Ou queremos apagar todo vestígio de vida neste canto do universo?

Seguir funcionando com os sistemas em prática é uma fraude ao futuro. É uma traição à humanidade. Utilizar nossos recursos - limitados em si - na violência e na destruição é, no mínimo, um irresponsável esbanjamento das riquezas.

A apropriação do todo social por uma minoria é um roubo e como tal deve ser denunciado. A manipulação de nossas riquezas naturais, por grupos de poder é 171 descarado, que não pode invocar justificção válida ante a vida. Seu uso na produção de armamentos sofisticados, capazes de imensa destruição, é um ato sem precedentes na história

cósmica. Parece não existir castigo apto para seres tão infinitamente idiotas, verdadeiros porcos imbecis, que não podem ser confundidos com humanos por certa semelhança física. Nunca poderão se considerar integralmente como seres aptos para povoar as galáxias, levando ao cosmos a mensagem de uma cultura própria da espécie aparentemente inteligente que povoa a Terra.

Não é lícito exercer o poder para se autobeneficiar. Nenhum ser humano pode se considerar mais do que outro, com mais direitos que outro, pelo só fato de que é somente um humano mais, entre muitíssimos outros. Corresponde ao conjunto social a decisão sobre o uso e aplicações dos bens e recursos disponíveis e o destino do produzido. O máximo de bens materiais aos quais todos temos direito é o que todos podem possuir por igual.

Nem pode se cogitar que a evolução seja produzida por uns e usufruída por outros. Pior se estes outros formam uma elite minoritária que mantém autoritariamente um sistema injusto, bestial, do qual seguem se beneficiando exclusivamente. Isto nunca na história conduziu a um melhoramento da qualidade de vida da humanidade. Muito pelo contrário, tem nos levado a condições apocalípticas de sobrevivência. Nenhum ser humano tem o direito de impor a outro este estado de coisas. Nada pode justificar uma filosofia, política, ideologia ou religião que imponha este estado de coisas. Não existe lógica nem razão num sistema que destrua sociedades e culturas, ecossistemas e recursos, indivíduos e ambientes, idéias e realizações, só para manter sua hegemonia e beneficiar a muito poucos sobreviventes e por tempo bastante limitado. Impossível não entender que este é o caminho da destruição, do sofrimento, da negação da vida.

Só depois de solucionada a provisão das necessidades básicas [alimento, moradia, vestimenta]; provisionados a educação, o cuidado à saúde, o tempo de descanso e de lazer, conseguindo ocupação e as mesmas oportunidades para todos, sem discriminação

de espécie alguma; alcançando uma justa repartição das riquezas produzidas em conjunto; não seria justo inibir a tendência, tanto individual como coletiva, de melhorar o nível da qualidade da vida.

Os recursos atuais deveriam ser destinados a milhões de seres postergados em seus legítimos direitos de alcançar uma vida de acordo com o nível que poderiam alcançar, tomando em conta os adiantamentos tecnológicos que temos conseguido realizar. O que impede é o imoral esbanjamento de recursos, a exploração inconcebível das pessoas e da natureza, e a estúpida persecução de fins que só beneficiam uma minoria injustamente privilegiada.

TODO COMERCIANTE É LADRÃO

O que é honestidade comercial? Ao menos nada que tenha a ver com lucro ou preços de mercado. Não existe comerciante honesto. O ato de compra e venda deve ser suspenso, eliminando de uma vez e por todas este sistema predatório da raça humana e da natureza toda.

Sempre é prejudicado quem tem que pagar a plusvalia que forma do lucro alheio. Quem compra é roubado e por isso tudo comerciante é ladrão. Não é por nada, mas pelo simples fato de praticar comércio, uma das mais imorais ocupações humanas. Um nojo. Degradação total. Atividade não apta para evolução e desenvolvimento.

Nas comunidades mais pobres e carentes se observa mais claramente o destaque que assume o comerciante que retira sua riqueza dos reduzidos e limitados haveres de seus vizinhos. Se coarta a si mesmo e, ao mesmo tempo, coarta a possibilidade de evolução do grupo, restringindo o acesso às mercadorias, por meio de políticas de preços.

Lembremos que tudo o que está se produzindo não alcança para todos. Então o preço de mercado não reflete o valor social do produto, mas só o máximo que possa permitir o dinheiro disponível na sociedade, recorrendo-se a toda uma série de artimanhas para alcançar maiores lucros, em detrimento do adquirente necessitado.

Os preços aumentados em cada elo da cadeia de distribuição aumentam as restrições à circulação e repartição de qualquer riqueza produzida; o que outra vez redundando na dificuldade de conciliar as míni-mas necessidades de milhares de milhões de pessoas. Muita gente demais pagando os desatinos e barbaridades de um grupo que se autodenomina de civilizados. Parece que mentalmente estão pior que um cavernícola, sem querer ofendê-lo. Mas hoje parece piada de mau gosto chamar "*homo-sapiens*" a espécie que se considera humana neste Planeta. Na verdade, esta denominação dá uma imagem totalmente errada, extremamente idílica e evolucionada, do indivíduo que se está perfilando como um bruto animal depredador, inconsciente, desequilibrado mental e emocionalmente, ignorante até do mal que está causando.

Parece difícil? Então que o explique alguém que permaneceu em algum campus por certos anos, à caça de créditos que lhe permitissem ganhar uma bolsa de estudos para adquirir um doutorado relacionado com o tema.

O ato de compra e venda que produz lucro é imoral, distorcedor da limpa consciência do ser. Este simples ato cotidiano está nos

destruindo a todos, inclusive o Planeta. O comércio do produto de nossos esforços sempre produziu conflitos. Uma sociedade pacífica, com menores restrições libertárias e igualitaristas, só pode ser possível depois da revisão dos alcances do conceito de propriedade, dentro dum sistema econômico que não seja contrário ao bem-estar de toda a população sobrevivente.

Não servem modelos passados. Estão condenados ao fracasso, estando incluídas formas que dão lugar ao lucro na transação de bens e serviços. A noção de plusvalia não pode ser concebida numa economia benéfica. O sistema de escambo está obsoleto e em nenhum caso satisfaz a quem está procurando alternativas. Não é voltando à idade da pedra que encontraremos a solução a nossos conflitos econômicos, nem poderemos dinamizar nosso desenvolvimento.

O fato de que o fim da transferência de bens entre pessoas físicas e/ou entidades reside na obtenção de lucro, é característica sobressalente dos principais sistemas sócio-econômicos vigentes. A obtenção do lucro como obsessão pretensamente natural e humana é um engano, um absurdo, uma lacra, uma verdadeira tara social.

De por si, a intermediação não pode ser excluída da distribuição de bens. O que se deve excluir é o lucro dos intermediários. Isto exclui o comerciante, o grande vilão que se aproveita da necessidade dos outros. **Lucro, de por si, não garante desenvolvimento.** O conceito capitalista de lucro produz dano ao humano e resente a ecologia do Planeta. Não é um ideal muito conveniente para os sobreviventes de uma futura sociedade que queira - isso mesmo - seguir sobrevivendo. Se não for modificado o conceito sobre comércio e lucro, não pode surgir uma sociedade superior à atual.

Qualquer tipo de sociedade que permita o comércio com fins de lucro deve ser considerada como inimiga da vida. Um tipo de economia benéfica para a humanidade não pode considerar o lucro

comercial, ou o termo deve ser reinterpretado com outro enfoque moral, ético e social.

Bem no fundo, os pregadores do lucro como necessidade imprescindível, não tem base moral em suas razões, pois o que está em jogo é a supervivência da espécie humana. Só que esta depende do que nós fizemos agora, todos os que estamos vivos neste momento. Enfim, o lucro real do que fizemos é a própria vida e da qualidade desta; pelo contrário será realidade a aniquilação apregoada e até apoiada / ajudada pelos apocalípticos, que são os mais verdadeiros e encarniçados inimigos da vida. Eles e todo o aparato montado em torno, preparado para sucumbir no momento em que eles estejam prontos para viajar ao céu usando os meios mais pitorescos, como nuvens, tapetes mágicos ou rabos de cometas.

BOSTA ESFEROIDE

**OH, MAIA,
ME PROTEGE COM TEU VÉU
PARA NÃO ENXERGAR
AS BESTEIRAS DA REALIDADE**

A bola segue girando ao redor do sol e em torno a seu próprio eixo inclinado, e o sol segue disparado, girando a sua vez ao redor de um núcleo indeterminado pela ciência local e nem os cientistas mais modernos podem elucidar o aparente mistério de seis corpos estelares [um deles nosso sol] percorrendo outra elipse que se afasta paulatinamente do centro da galáxia.

Lar fica cada vez mais longe. Há um aumento progressivo da escuridão no deserto celestial ao que vamos lançados. Também há mais frio e os corpos se cristalizam, onde a evolução ou a simples mudança são dificultados. Sucede em imensos espaços de tempo. Todo movimento se cristaliza. O tempo fica capturado em formas acrílicas. Um ser, uma presença qualquer, é congelado por temporadas eónicas.

É isso a programação? Se desfazer deste traço inservível de lixo, desta lixeira cósmica, desta última presença inescapável do terror do universo: a Raça Humana chamada à Rebelião!

Que longe estás, Luz, que não alcanças este lugar com tua potência! Tua ação benéfica não é sentida. Eu queria nunca te haver conhecido, maldito Planeta afastado das rotas celestiais.

Minha nave foi embora. Só tinha ticket de ida [é dizer de vinda] e uma indeterminada estadia pela frente. Algum dia, sem sabê-lo agora, aparecerá o momento fulgurante do veículo que transportará minha existência errante em direção ao futuro seguinte.

Se lembrarão de mim?

Estará tudo devidamente programado?

A que obedece esta função?

Este circo me tem bastante cansado, mas depois de ingerir muita proteína, que estava me faltando, estou em condições de ver o aspecto simpático do lugar. Aclaremos uma diferença. Isto não é o inferno, ainda que aqui se encontrem inumeráveis “destinos-pior-que-a-morte”. Cada um carrega sua própria mochila, sem dúvida.

Base Lar. É onde se pode reunir toda a bagagem, abri-la e poder dispor de tudo o que a gente possui. O lugar sempre muda, através do tempo. A adaptação à natureza das condições ambientais é crucial, ficando a Condição do Processo subordinada aos meios que tivermos acesso. Fazer as coisas do modo que possam ser bem feitas, para favorecer a supervivência, em liberdade, com justiça e segurança.

Têm momentos cuja calma me faz lembrar velhas histórias de silêncios selváticos, premonitórios de tormentosas desgraças; mas a gente só quer ser irresponsavelmente feliz num mundo destinado à felicidade. A fuga da realidade neste Planeta se torna assim um fato,

sendo as condições ambientais totalmente desfavoráveis, chegando-se a um lastimoso estado de destruição irreversível. Só porque queríamos nos divertir; nós, os que estávamos vivos antes de você ler isto. Parece que, se seguirmos assim, não vai ser divertido nunca mais, para ninguém.

É como caminhar por um campo que poderia estar minado, durante o momento do maior registro de paz de sua experiência. Acreditando que não está minado [para você], quando atravessou a tensão de sua existência. Também não pode assegurar sua “não-existência” a outro que queira repetir a experiência. Você não é guia de ninguém. Isso deve estar bem claro desde o princípio.

Na tela televisiva de minha memória, desde o quarto usado como dormitório, escutava a expansão do som das aeronaves que praticavam suas experiências guerreiras. Explodiam alegremente pelos ares, naqueles tempos. Ou eram derrubadas, ou se estraçalhavam contra obstáculos. Enfim, seguem fazendo o mesmo, de forma igualmente alegre. Que imenso aparato se põe em marcha neste mundo, manipulando a vontade das massas, injetando ódio em aqueles que vão ao mesmo lugar aonde todos vamos, igual e inexoravelmente! Ou será que, por ser religiosos, podem seguir matando-nos? Não se pode seguir assim, procurando a guerra total. Não tem lógica nenhuma.

Os escritos como refúgio ante os pensamentos que emergem tentando interpretar a realidade que os sentidos percebem e tentando, ao mesmo tempo, sobreviver como indivíduo na sociedade humana. Estranha humorada do conceito de “sociedade”, querendo focar um ponto de vista positivo. Coisa difícil de realizar, tendo como vizinho um negro imenso do outro lado da parede, o quarto/cela vizinho a minhas costas, lançando um discurso em voz alta, dirigido pessoalmente a mim porque não sou cristão. O homem é violento e perigoso, fanático de uma seita que considera Jesus e

seus Exércitos Gloriosos chamados a varrer com sanha tudo o que encontrem no Universo.

Têm desses exércitos de sobra, de diferentes seitas e religiões que, com religiosa fé, como um político qualquer, se destroem uns aos outros, sem tomar em conta o contexto global do conflito.

Uma tintura pseudo-religiosa, com a nefanda visão de religiões imperantes e suas inúmeras seitas, acentua a crise. Estão mais pelo fim, que por uma possível evolução. Ninguém parece entender que não se pode sobreviver sozinho, eliminando os outros pareceres e parceiros e, ao mesmo tempo, rejeitando a objetivação do caso. A única razão dos pregoeiros do caos são predições acumuladas ao longo da história humana, as quais não se cumpriram nem na parte messiânica do salvacionismo redentor, como é demonstrado pelo caos imperante.

Não entendo o fim ou sentido da mutua agressão, encaminhada a uma total destruição segura, somente porque uma vez alguma pessoa divulgou um sonho que teve sobre o fim de tudo, algum dia. É simplesmente ridículo. Alguns dias atrás tive um sonho muito mais bonito e não posso acreditar que seja menos válido.

Não existe um passo decisivo, absoluto, para cessar com toda aquela beligerância ou conflito, de imediato. Suponho que as implicações seriam tão profundas e complexas, que teriam de levar forçosamente a criar uma série de mudanças não queridas ou outras até imprevisíveis. Não há dados sobre o planejamento racional de um processo pacificador. A tendência é o contrário. A idéia geral inculcada é a da impossibilidade de um Ato de Paz Global aparecer sobre a Terra. Ou seja, não mesmo. Não, nem num bairro, nem na isolada casa dum camponês ou dum eremita. Neste momento, parece que ninguém tem coragem de tentar.

Está-se produzindo uma excepcional, exageradíssima quantidade de material bélico; além de seu uso contínuo e irreprimido por belicosos que se recusam a aceitar a igualdade das condições de sobrevivência para todos e continuam a praticar o assassinato de seres de sua própria espécie. Como o pesadelo de uma realidade inexistente, sem poder fazer nada para acordar.

As notícias e as experiências diárias são violentas. Está no ponto de arrebentar a incoerência [?] das massas. Ou não será que esta é a única forma de ser coerente com a situação? Percebo que o aparato repressivo do poder está treinado e armado, prevendo rebeliões concomitantes com este período de estagnação e pilhagem econômica.

É bastante horripilante o que está acontecendo em relação à política econômica. O futuro se vê ainda pior. Saída não aparece. Nenhum país poderá pagar suas dívidas, nunca. Não pode haver recuperação econômica da forma como as coisas são levadas. Só uns poucos seres gozarão dos privilégios reservados aos que se prestam para preservar o sistema. Por agora, fortes brotes de violência apenas aparecem na vida diária, mas mostram tendência a aumentar. É a violência social, que torna perigosa a convivência humana em seus mais simples atos do dia a dia.

Também há grandes tragédias naturais e aumentam as pessoas subalimentadas. O poder aquisitivo do dinheiro se restringe continuamente. O investimento na produção de armamento e em coisas fúteis não necessárias e de péssima qualidade torna-se cada vez mais insuportável, devido a sua alta incidência na diminuição da probabilidade de sobrevivência. Neste momento, ninguém pode alegar falta de responsabilidade.

A defesa do meio ambiente é entendida agressivamente, produzindo incomensuráveis danos ao próprio chão que nos produz o nosso sustento. O conceito vira *“se defender do meio ambiente”*, como se

este nos atacasse. A guerra de extermínio em curso se volta “*contra as forças da natureza*”, tentando futilmente o domínio sobre coisa tão complexa, ou simples e terrena.

Passou-se a fomentar a contaminação da Terra toda, seguindo estúpidos sonhos de poder, dominação, enriquecimento pessoal, fatalistas e belicistas, de religiosos e políticos depravados e fanatizados por ideais que em nada servem, nem às mais retrógradas teorias evolucionistas, pois a evolução acabou aqui e agora. A eleição é imposição para a implementação de uma via, por uma elite minoritária, simples reflexo e prova de um método desumano.

Assumo que existe poder tecnológico bastante à nossa disposição humana, para penetrar em todo canto desta Miserável Bola e avisar a todos que não há mais guerras nem inimizades e que a violência acabou e que tem alimento e ocupação para todos, sempre que todos realizarem tarefas menos destrutivas. Um plano de reprogramação seria facilmente realizado pelas redes de comunicação de massas. Não empataria muitos anos e daria muito mais ocupação, distribuição de riquezas, envolvimento social e sentido de vida que, por exemplo, a direção espacial que está consumindo uma colossal soma de esforços e recursos. Isto, unido ao custo do armamento disponível e em alta produção, não nos permite - a ninguém - viver em condição mais segura e digna.

Em câmbio, chega carta contando de bombas que explodem em qualquer lugar ou momento. É isso em qualquer lugar e de repente, sem aviso prévio nem discriminação. Cada semana contam-se os mortos. Há lugares onde explode uma bomba por minuto. Isso mesmo pode acontecer aqui, em qualquer momento. Como estão as coisas, pode explodir toda a Porca Bola agora mesmo. Mas a maioria parece desinformada ou assume essa atitude. Parece algo longínquo, que não afetará certas áreas do Planeta como esta, protegida por um deus inventado, ou que a novela das oito sempre estará ali, às oito e

quarenta e cinco, passe o que passar, para esquecer a verdade do mundo real.

Ao nível de conversa e atitudes do pessoal, até parece um momento pré-apocalíptico. Estão todos como atordoados, pior que alienados. Parece que nada do que existe possa agüentar outros dez anos. Nada novo é criado para durar tanto; nem dez anos e freqüentemente nem dez meses. Gastam-se fabulosas quantidades de recursos e nada é feito para durar. Empregam-se imensos recursos em produzir coisas que rapidamente vão pro lixo. Tão descartável como qualquer vida humana. Nada se faz pensando no futuro da espécie. Vivemos uma economia apocalíptica.

Alguns até acreditam que haverá algum grupo que sobreviverá, que todos não morrerão, que alguém poderá seguir procriando, que sobrarão algum lugar neste putro Planeta onde algum sobrevivente poderá sobreviver. E o resto da estória? Só existe: tenho que vender hoje, e amanhã mais do que hoje e mais caro, para ganhar mais dinheiro. Onde está o sentido? Não o encontro entre esse tipo de humanos deste Planeta.

Não conheço nenhum tipo de profecia que diga que o ser humano se autodestruirá. É conhecimento novo na cultura planetária, mas estamos chegando nesse ponto. Os processos de autodestruição postos em marcha pelos humanos ainda são reversíveis. Alguns precisam de uma enérgica ação imediata para ser freados. Muitas formas deverão ser mudadas para evitar o desastre maior. Nada deve haver que possa evitar ou limitar a possibilidade de fazer deste Planeta um lugar mais harmonioso e equilibrado.

Quem queira salvar este Planeta deve parar já, agora mesmo, sem esperar outra coisa acontecer. Não há quem possa parar isto se não formos todos nós juntos.

Pior é o apocalipse da vida própria da gente mesmo, num mundo dominado pelo Terrorismo Apocalíptico mascarado atrás de uma ilusão sobre as possibilidades futuras da humanidade. Por comentá-lo com muita suavidade, as possibilidades de sobrevivência de um indivíduo qualquer são bastante precárias.

Quantas possibilidades de vida engendradas por humanos neste Planeta morreram sadios e felizes em idade avançada? Nem somando todos os mortos que possamos contar em toda a história de nossa existência como espécie humana, poderemos contabilizar muitos casos!

Qual é o caso da humanidade insistir em sistemas de confronto para assegurar e melhorar sua própria sobrevivência? Não seria uma baita de uma contradição? Será que neste Planeta só pode-se sobreviver piorando a vida dos outros?

É extremamente estranho que os seres humanos, em sua totalidade, não se questionem o modelo econômico e social, as crenças religiosas e seu próprio comportamento relativo, sendo que são a causa dos maiores sofrimentos e aberrações que existem aqui; justamente por esta causa: por não se questionar.

Objetivamente. Dado frio, objetivo, real e concreto. Absurdo como este país ou qualquer outro neste Planeta, neste preciso momento. Parece se tratar de uma guerra do Estado contra o Povo. Guerra a morte, mas de um lado só. O grande e poderoso aparato do Estado não sofre; exerce violência não contestada pelos prejudicados. Impossível se rebelar sem perecer. A dominação é extremamente forte. Não existe poder para derrubá-la. Menos ainda existe uma forma possível de oposição efetiva. Tudo, absolutamente tudo, está se deteriorando, está sendo destruído pelo capricho de uma minoria privilegiada, fortemente armada, provida de razões e legalidades bastante discutíveis.

A participação nas agrupações privilegiadas está restrita demais. Cada vez menos pessoas tem acesso a uma sobrevivência digna e segura. O que se vê é morte e destruição massiva, por uma extensa variedade de métodos. Indiscriminada eliminação de vidas humanas, friamente postas de lado por não servir aos destinos dos que se sentem amos e senhores deste Planeta. Massas famintas matam cachorros a gritos para poder comer. Qualquer opositor ou denunciante é rapidamente eliminado. Nada, nem a entrega total às engrenagens do sistema, garante a segurança da existência. Estão-se eliminando as constantes de sobrevivência. Desde simples roubos, assaltos e seqüestros em qualquer momento ou lugar, até os grandes confrontos organizados, não há lugar seguro aqui no Planeta.

Os lugares sem conflitos maiores mostram os que morrem calados, agradecendo a desgraça, se refocilando na estupidez e na ignorância de sua covardia.

Não deveria, quiçá, julgar ou condenar formas e atitudes humanas neste tempo, porque em si mesmas também são uma forma de preservar a própria existência e, óbvia e primariamente, a preservação da própria espécie, dos mais chegados, dos mais conhecidos e afins, dos que compartilham a maioria dos laços parentais, culturais, religiosos, raciais, regionais, grupais, nacionais, etc.

Considerações aparte, o momento está megaperverso e o engano, a prepotência e a corrupção fazem a desgraça de bilhões de povoadores terrestres. Não é só aqui, onde você está lendo ou onde eu escrevi. Desafio a me mostrar um só lugar onde não esteja ocorrendo a mesma história. Isso não é coisa que se possa aceitar assim tão facilmente.

É uma criminosa violência econômica impedir o bem-estar de outro. O estado privilegia minorias da população. O resto é literalmente abandonado, apenas usado oportunisticamente, ou simplesmente

eliminado, seguindo critérios estritamente econômicos vulgares. O ser humano, como espécie habitante deste Planeta, não é considerado - em absoluto - como uma totalidade.

Imensas agrupações humanas, povos e nações, são obrigados a viver na maior miséria, pobreza e ignorância, em condições subumanas, para garantir o luxo e o esbanjamento de que fazem gala as poderosas minorias exploradoras e manipuladoras.

Se colocarmos isto em contexto, em toda sua dimensão exata e atual, vemos que esse tal de sistema capitalista que estamos vivenciando é responsável de que o Planeta possa explodir em qualquer momento, até agora mesmo. Ou que, em poucos anos se deteriore tanto sua qualidade, que se tornaria inabitável. Ou que, com o máximo de vontade cooperativa e solidária, possamos nos salvar e superar o possível holocausto final. Mas isto não poderá ser possível se seguirmos pelas trilhas que agora estamos percorrendo. Seguimos assim e estamos condenados. Todos nós.

Muito obviamente não é uma idéia aceitável para os que usufruem a situação atual. No fundo, todos nós não queremos ou gostamos nem pensar que há alguma realidade nisto. A verdade é que se precisa uma verdadeira revolução mental, para aceitar as coisas desde esta perspectiva. Além de todos os conhecimentos serem questionados, exige uma reestruturação mental profunda. Removem-se conhecimentos, crenças, sentimentos, atitudes... e se passa conscientemente a enfrentar com um mundo inimigo da vida.

Não é fácil. Quem queira experimentar, que faça a prova. O mais provável é que se volte a adaptar ao sistema aberrante, que se volte a transformar naquele pobre diabo, cândido cúmplice do desaparecimento de um Planeta deste universo. Inconsciente, por suposto, sendo lhe imposto o véu encantado, através do qual acredita perceber somente sua própria satisfação iludida. Maiormente o faz por um instinto de sobrevivência em curto prazo -

sem sentido de pertença a uma espécie -, ou para não cair naquele nihilismo autodestrutivo, outra vez preso na malha aniquilacionista.

Se adaptar ao sistema é só a ilusão da fuga da própria destruição, reservada - de forma mais imediata - aos dissidentes. Jogar o jogo, de algum modo cumprir as regras, com a justificação da própria sobrevivência, é cair na armadilha dos enganadores, é ser vítima da opressão imensa que a humanidade está obrigada a suportar.

Empreender esplendorosas e monumentais obras ou destrutivas guerras, se iguala nos resultados de fome, doença, ignorância e insegurança, para a absoluta maioria dos habitantes da Terra.

É impressionante, arrepiante... e não se pode falar. A Lei do Uso e Costume condena a morte a quem abre a boca. Genericamente aplico a expressão a quem escreva ou mostre imagens.

Assim chega-se à situação de respeitar o experto ladrão e idealizam-se as margens que a corrupção oferece para melhorar a própria subsistência. Não é que seja considerado amoral. É o modo que é, e toda a estrutura social é um imenso roubo e um profundo engano. A verdade é que se produz um cruel e constante extermínio de grande parte da raça humana, junto ao valor de seus conhecimentos e suas experiências acumuladas. Os povos remanescentes ficam sem memória de sua verdadeira história. Os humanos são surrupiados de suas verdadeiras possibilidades e condições.

Existem, claramente, desmedidas forças dedicadas à destruição. Nada existe, neste momento, que possa se opor a esse poder. Ninguém e nada pode pretender que detenha tanto poder e força suficiente para mudar o rumo dos acontecimentos; nem sequer quem tenha noção clara, lógica e compreensível de como conseguirlo. A única expectativa realista é a deterioração da situação, para todos. Quem não chegar a esta conclusão está com os dados errados, insuficientes ou comprometidos, e muito provavelmente influenciado

pela manipulada rede dos meios de comunicação. Esses são os cultores de Maia, propagandistas imbecis do sistema que proclama que “tudo está bem, tudo está melhorando, seguirá melhorando e será melhor ainda”; enquanto a humanidade está morrendo no abandono.

Errado. Absolutamente errado. Totalmente enganado, se acredita realmente que sua própria opulência não é paga com a miséria de muitas outras pessoas. É impossível que no capitalismo liberal [ou de qualquer outra expressão], se produzam riquezas para alguns, sem um resultado negativo correspondente no outro extremo, visto linearmente. Enquanto mais alguns recebem [deveríamos dizer: “se apropriam indevidamente”], menos disponibilidade fica para outros.

Em qualquer sistema no qual a riqueza seja produzida por acumulação e não por repartição, maior é o resultado de pobreza, e maior é a miséria daqueles que não são permitidos de tomar parte no processo.

É o problema que produz o poder isolado, concentrado em grupos ou indivíduos, a diferença do poder repartido socialmente, que seria responsável por uma verdadeira evolução humana. Isto é algo dificilmente imaginável de ser implementado hoje em dia, nem pela maior revolução de todos os tempos. Não se vê meio, modo, forma nem condição. Digamos, pelo menos, no nível humano. Porque no tecnológico seria teoricamente fácil mudar e reestruturar toda a mentação humana e suas relações sócio-econômica-política-cultural-ecológica, simplesmente usando os meios de comunicação existentes e disponíveis.

Falta o fator humano e, se existisse, seria forçadamente impedido o acesso ao meio. Sem dúvida alguma. Ninguém vai comprometer suas próprias prerrogativas e benesses. De modo algum. E quem não se adapta ao jogo e seu regulamento, tem sua existência imediata comprometida. Fecha-se o círculo e se completa a tramóia que

imobiliza toda a humanidade, não somente impedindo uma vida digna e alegre, nem falar de alguma expressão evolutiva válida, mas levando todo o mundo à beira do extermínio total. Bestialmente estúpido, mas real.

Podem ser observadas certas insinuações de querer reduzir a carnificina, por parte do poder. Até grandes potências cruzam pela paz, pelo afastamento da ameaça de confronto em grande escala. Mas é a câmbio de sua própria hegemonia e pela ampliação de sua zona de influência, pela conquista sem resistência de novos mercados e, sem dúvida, pela perpetuação - com leves retoques formais - da forma de vida desenvolvida. Parece que sempre foi assim, em efeito, só que agora tende a piorar muito mais.

Imensos e concentrados poderes econômicos giram em torno de projetos que lhes produzam mais riquezas, á custa dos que não integram o seletto grupo. O capitalismo sempre prejudicará mais gente que aqueles poucos que beneficia. É parte da essência de sua forma. Segundo a regra do jogo, um ganha e o resto perde. Como em uma eleição da democracia burguesa. Ainda que tenha alguns que consigam alguma vantagem ou até imaginem que ganharam, estes são conceitos relativos ao Grande Ganhador - normalmente invisível - que levou os maiores valores. Ficam atrás os que foram usados a câmbio de um investimento mínimo e os que nada obtiveram ou foram diretamente prejudicados. Não se pode falar de justiça social no capitalismo.

O SONHO SEM FIM

se as utopias não existissem então tudo seria permitido

Me encontrar num futuro não localizado dum passado posterior ao presente, intermediário entre o hoje e aquele lugar nenhum. Isso é novela, romance. Não é a parte propriamente utópica da trama. É a pura desgraça de estar vivo aqui e agora, neste Planeta. O presente da trama, o dia a dia do escritor

ubíquo no futuro utópico,
ubíquo no espaço e no tempo,
presente na narração, de princípio a fim.

Então, propriamente tal, este mesmo momento, vivido no presente, nem sequer está acontecendo na realidade. Esta reversibilidade do tempo utópico deve ter deixado alguns utopistas tão perplexos como Thomas Morus frente a seu carrasco. É muito estranho esse redemoinho psíquico, que transforma a intenção benfeitora da ação utópica numa ameaça social. E é na utopia prática onde residem as ameaças de transformação em focos revolucionários, que o sistema não consente.

A prática de esquemas sociais/econômicos hegemônicos, considerados imperecíveis, superiores e imutáveis, não permite a prática de economias sociais alternativas. Pior ainda, são frustradas e difamadas como utopia, símbolo burguês do irrealizável. Esta difamação e perseguição da utopia vêm a ser reforçada pelos

elementos mais reacionários ou por aqueles que mantêm posições de hegemonia nas esferas de poder.

Já neste nível, não é muito salutar a profissão de utopista. Pelo contrário, sua vida se expõe a acidentes imprevisíveis, com aumento progressivo da repressão, em relação direta a sua fama e divulgação. Quando os sonhos dum utopista são começados a ser postos em prática - mostra a experiência histórica - todos os participantes arriscam suas vidas. Os impactos sociais de uma e qualquer utopia sempre foram fortes e tiveram que ser reprimidos pelo sistema com violência extrema. Isto explica a pouca difusão ou interesse no tema, especialmente na atualidade, pois sempre alcança situações explosivas, conflituais. Pura autoproteção.

Escrever é bom. Imaginar e escrever. Descrever os detalhes do imaginado, como se fosse uma realidade que está acontecendo agora mesmo. Não podem ser histórias da realidade, porque devem ser e pretendem ser algo totalmente diferente à realidade imperante e à realidade histórica. Utopia nada deve ao passado, a não ser sua própria história. A história da utopia deixa ver claramente o rompimento de elos com o passado e presente, para se lançar a um futuro, único capaz de cristalizar o velho mito dos devaneios utopistas. É a ruptura histórica de um mundo totalmente diferente ao atual e sem ligações com o passado.

Como antecedentes na parte prática, executiva, dos sonhos utópicos, se encontra farto material, intermináveis histórias de experimentos fracassados, sem expansão no meio. Até agora, nunca uma utopia foi realizada na sua plenitude, e muito menos a nível planetário, ainda seja parcialmente. Mas esse não é problema do utopista. A este só resta o caminho de descrever uma utopia.

Houve utopistas que usaram o gênero para denunciar, mais ou menos veladamente, condições contemporâneas existentes. O primeiro humano que cunhou o termo utopia, foi executado por

problemas com a igreja cristã e os políticos liberais. Muitos tentaram e erraram o caminho. Mais tarde foram classificados e definidos como não-utopistas, ou distopistas, quando sua proposta era realmente negativa, como em “1984”. A definição que foi usada no caso foi que uma utopia tem um final feliz, é coisa boa para a humanidade. É a característica do gênero: persegue-se um mundo melhor para todos; sempre com um sistema tão perfeito, que é do agrado de todos.

Nunca nenhum utopista conseguiu que suas ideias fossem integralmente adotadas ou, no melhor dos casos, apenas foram experimentadas por curtos períodos de tempo. Praticamente todos os movimentos iniciados com intenções práticas de desenvolvimento e expansão foram violentamente reprimidos. Trata-se de destruir a crença que exista a possibilidade de unir os seres humanos numa direção positiva.

Agora, a utopia, descrita também como sendo “lugar nenhum em nenhum momento”, pretende se refugiar num antiespaço atemporal. Por se subtrair de lugares conhecidos, identificáveis, inconfundíveis [até por razões de segurança pessoal] houve utopistas que descreveram ilhas, terras ou Planetas longínquos e culturas diferentes. Quando o utopista, devaneando, descrevia seu universo separado e o identificava com algum lugar concreto deste Planeta, muitas vezes formavam-se pequenos núcleos que tentavam viver essa utopia. Até hoje não houve sequer um desses movimentos que produzisse a sociedade que pretendia. Por diversos motivos - entre os maiores, o combate dado pelo âmbito social diferente - não tiveram a oportunidade de expansão e não puderam apresentar uma alternativa viável, aplicável em todo e qualquer lugar.

Utopia não existe. Nunca existiu. O desenvolvimento do tema é pura utopia. Não existe religião, nem partido político ou forma econômica conhecida que possa garantir a sobrevivência da Raça Humana e de seu Planeta Terra. Só nós mesmos somos os que poderíamos fazê-lo,

garantindo a vida digna para todos. É algo que falta em nossas existências e só pode ser parte do futuro.

O anterior implica que, simplesmente tentar descrever uma utopia, num momento tão crítico como o presente, é um escapismo e uma direção que é zero e nada, sem futuro, sem presente nem passado. Éta labor do utopista. Pode justificar sua própria sobrevivência, fazendo o que faz? Que direito tem o utopista de usar seu tempo na vã visão de um mundo impossível?

Mas ainda quero ver um utopista que não tivesse suas visões como resposta a um meio hostil, irracional e degradante. Eles sempre canalizaram fortes críticas sociais, culturais, religiosas, econômicas, políticas e psicológicas, através de suas ficções. Inspiraram a realização de esquemas de convivência humana muito heterogêneos, sempre visando a evolução da nossa espécie.

A introdução da utopia no campo revolucionário deu-se de forma natural. Antes, inclusive, de ser reclamada como propriedade pelos anarquistas, já tinha conquistado o status de anti-social. Afinal, reduzida a panfleto, convertida em grafite, nunca deixou de aparecer em relação aos substratos de tendência modificadora da estrutura social.

Ainda assim é difícil achar uma filiação partidária em sua história. Parte se deve a que sua forma política é parte da própria utopia. Apareceram tendências socio-políticas e também outras com manifestações psicossociais. Houve também aqueles que negaram o utopismo e foram mais utopistas que utopista nenhum foi em toda a história, ainda que eles mesmos neguem o fato. O que é até bom para a utopia, pois o exemplo não foi muito edificante, como demonstraram os marxistas / leninistas / stalinistas / trotskistas, espelhos de sua própria crítica.

Tem ainda outros que querem tentar te convencer de que a utopia é uma realidade vigente, onde com só sonhá-lo pode se alcançar tudo e qualquer coisa. Basta te inscrever no esquema da sociedade de consumo, ou cantar Hare Hare.

A utopia não faz segredo de querer dar a esperança de que possa haver uma nova possibilidade que cristalice o sonho de supervivência e que o garanta no futuro. Sempre quis resolver problemas. Coisas atuais, coetâneas. Muitas de suas obras são profundamente técnicas. Outras são pragadas de delírios messiânicos, ou permeadas de complexas estruturas sociais esquematizadas, que não resolvem o problema em questão.

Visto assim, a utopia pode ser “um estudo e a proposta de uma solução, de certos problemas em particular”. Nunca foi muito feliz nisto, mas pode colaborar com a proposta duma solução. Sua ocasional falta de objetividade, radicada em sua procedência onírica, colabora na construção de outra objetividade, baseada num mundo totalmente diferente.

Sendo uma forma radical de resposta, produz um alto impacto emocional nas massas. Empolga, levanta o povo em prol de um ideal. Até agora foram sempre assim, os assumidamente utópicos, num amplo leque de exemplificações. Diferem tanto entre si pela necessidade de mostrar outra coisa diferente, muito diversa a todo o que antes foi imaginado. Mas insisto que não existe nem uma delas que não tenha relação com a problemática imediata, social e/ou ambiental, do mesmo sujeito utopista que oficia de escritor. Chego a suspeitar que a utopia nem quer se subtrair do fato, que não queira se independizar da realidade cotidiana, da qual é antípoda hoje, por necessidade.

Agora, para ser tal, a utopia tem que pretender a melhora das circunstâncias que a induziram a nascer/aparecer. Não existe utopia para pior. Não seria utopia, que sempre é para melhorar, aperfeiçoar,

em busca de estados mais prazerosos, mais justos, mais felizes, mais evolutivos, que os atuais percebidos. Nunca conheci ou soube de um utopista que tenha solucionado os problemas que enfrentou, como também nunca conheci nenhum outro - não utopista - que o tenha conseguido. Propostas não faltam no espectro social e econômico. Mas propostas realistas de vida eterna, paradisíaca, só na utopia.

A utopia dá o exemplo de muitos tipos de sociedades diferentes, totalmente novas, supondo que seriam melhores que o apresentado na realidade perceptível. O que interessa, neste caso, é a proposta de uma sociedade que se apresente como evolutiva, dando possibilidade a um livre e pacífico desenvolvimento humano. Considera-se que não se pode voltar a modelos antigos, para que sejam aplicados sem modificação. Não é somente porque já estejam ultrapassados, mas porque o verdadeiro desafio utópico está no novo, naquilo que ainda não foi criado.

Como pressuposto básico do utópico, participa o conceito de *benéfico*: sempre o bem, o bom e o melhor para a humanidade. A utopia é assim um gênero literário humanista. Encerra o positivo ou, melhor dito, projeta o bem individual e social. Em caso contrário, como nos niilistas, deixa automaticamente de ser uma utopia.

Assim como nenhuma doutrina, ideologia, religião ou gênero literário se tenha imposto planetariamente com soluções claras, profundas, amplas, que sejam coerentes para toda a humanidade [parecendo até que a história vulgar nada mais é que um acúmulo de experimentos que não deram certo, ou que a única síntese possível de ser percebida é a destruição total], assim também não podemos culpar o pensamento utópico de não haver realizado seus ideais. Parece mais acertado prever que um sentimento utopista possa despertar uma era totalmente nova. O utopismo é um remédio, como tantos outros, que procura paliar a situação desastrosa em que se encontra este Planeta. Perigosa mesmo é uma generalizada entopia. Ali é que não resolvemos nada.

Escrever utopia pode parecer inservível, pois nada do escrito/descrito existirá. Que quer o utopista? Realizar uma utopia/devaneio, caso no qual deixaria de sê-lo; e os carimbados de utopistas se vêm envolvidos na sua própria destruição.

Sempre foram fatalmente repudiados / reduzidos / destruídos / ridicularizados pelo mesmo sistema que pretendiam mudar. Os mais idealistas entre eles ainda não se explicam como humanidades inteiras que se encontraram neste Planeta ainda não adotaram formas menos destrutivas de convivência. “Para que não querem?” se perguntam, enquanto redatam seus tratados e tramam seus planos ou descrevem suas visões proféticas de um futuro que, segundo eles, vai ocorrer com certeza absoluta. Por enquanto nada se sabe.

Os utopistas, marginais do velho mundo e criadores dum mundo novo; sempre capazes de delirar formas e fatos pelos quais poderíamos superar aquelas formas de convivência que sempre temos praticado, nos destruindo mutuamente e, ao mesmo tempo, tornando inabitável o Planeta que sustenta nossa própria existência.

Li alguma coisa das filosofias baseadas em predições que descrevem os tempos atuais, revoltados, indiferentes à vida, inescrupulosos tempos sem piedade, destrutivos, confusos, obscuros, confundidos com um fim iminente; ou considerados como o crisol do qual surgiria a fênix de uma nova humanidade, à qual são atribuídas inúmeras qualidades e virtudes que refletem as carências epocais, individuais e grupais, através dos retalhos de nossa história conhecida.

Histórias utopistas são os resultados destas lembranças sonhadas. Propõem, no fundo, soluções que, em todo caso, dão uma reviravolta nas estruturas sociais, nas tradições enraizadas, nas morais constituídas, nos usos e costumes; removem conceitos políticos e religiosos, procurando uma ordem diferente para as coisas humanas.

O mundo utopista real é pós-moderno, concebível unicamente depois de um acontecimento revolucionário que surja da consciência humana num ato unitário. A condição do cumprimento de uma utopia é a mais difícil de acontecer entre todos os fatos sonhados por mente humana, sendo que é uma espécie de antíteses de todo o ruim existente.

A expressão “*utópico*” é usada freqüentemente como sinônimo de “*absolutamente impossível*”. Pode-se retrucar que uma utopia é impossível sem incluir um ato revolucionário no fazer e no pensamento de todos os humanos. Também é observável que, antes de uma revolução, todo período pós-revolucionário imaginado é pura utopia, uma ilusão acompanhada de uma realidade atual não desejada.

Sendo uma característica da utopia o desenvolvimento em direção à perfeição, e uma síntese de tudo que seria bom, esta não encara um futuro apocalíptico. Existe sim a parte ilusória do utopista, convencido da possibilidade de um mundo melhor. Ou melhor, do melhoramento do mundo percebido; do aperfeiçoamento da percepção, tanto como do percebido; sendo assim a aspiração mais profundamente revolucionária do ser humano. Esta utópica revolução compreendeu cedo que grandes câmbios internos deveriam acompanhar as transformações sociais. O utopista afirma que isto é possível.

Não cabe nenhuma dúvida ao pensador utopista, que tamanha revolução utópica não possa se desenvolver sem a participação do aspecto religioso. Nenhuma utopia poderá ser realizada sem uma nova religião, mas esta também deve ser diferente a todas as anteriores. Nunca, em nenhuma revolução ou mudança, esteve ausente o sentimento religioso. Também o humano não poderá mudar se não modifica sua compreensão sobre a religião. Qualquer moral ou ética que compartilhem os humanos numa sociedade

utópica estará sintonizada com a religião vigente nesse momento e não com os aspetos religiosos do passado, característica de sociedades vulgares, primitivas, decadentes e destrutivas.

Como a utopia não se encontra na classe política, também não se pode achar nalguma religião. Ao menos, não em forma elaborada e consciente. Agora, pensar num ser humano sem vínculos religiosos, numa sociedade evolucionada, carece de sentido e somente traduz um total desconhecimento do ser. A utopia poderia se permitir esta jogada, mas tornaria o ser humano em algo cibernético, totalmente diferente ao que é sua essência.

Trata-se, na utopia, de modificar as essências humanas tão radicalmente como se propõe fazer com a realidade do entorno. O utopista translada o potencial humano a situações onde possa se desenvolver nas melhores condições e com os melhores resultados. Um humano utópico, surgido da nada e com domicílio em nenhum lugar, com manifestação em tempo nenhum, só pode inserir numa sociedade inexistente, que é necessário criar para ser realidade.

Poderia ser a obra máxima da ilusão mais decadente e o fim das utopias. Mas o gênero tem alta capacidade de renovação, oferecendo enfoques não pessimistas do futuro. Sem utopistas, o gênero humano perde sua maior e melhor capacidade criativa.

A utopia nos apresenta em que o humano poderia se converter, se fizesse uso de determinadas faculdades, se desenvolvesse determinados potenciais. Nisso, no que tem a ver com o ser humano, a utopia é realista. O projeto é para humanos, não para andróides. É a isto que resiste o conglomerado freudo-cristão-capitalista. Não dá chance ao aprimoramento. A nova ordem sócio-econômico-cultural-psico-religiosa surgida de propostas utopistas, também é possibilitária, ao descrever como estes humanos poderiam, realmente, viver *“uma nova realidade diferente”*.

Poucas tentativas, na realidade, foram concretizadas pelos humanos para tentar resolver esta questão, séria e profundamente. Das poucas, todas, absolutamente todas, fracassaram. Poucos utopistas puderam tentar realizar suas visões em vida. Até que, neste momento, o sonho utopista se converteu na única possibilidade de supervivência para toda a espécie humana.

SUICIDA LIBERTÁRIO

**que outros tenham uma opinião diferente
não demonstra que eu esteja errado**

Minha vida me tem cansado. Tem alguma coisa que deve mudar, drasticamente. Tenho a impressão que somente dá certo aquilo que eu empreenda sozinho, sem intervenção de mais ninguém. Cada vez que têm outros envolvidos nalgum projeto, este sofre inúmeros tropeços por causa da dependência de terceiros. Somente eu sozinho posso fazer o meu e isto se refere tanto a minha vida como a o que eu faço com ela. Se alguma coisa tem que mudar, que seja para algo que eu mesmo possa fazer, sem intervenção de outros, sem dependência; algo que seja totalmente meu e que não precise de outros para sua realização.

Aqui se abrem dois caminhos. Um tem sentido e outro não tem. Qualquer ato produz algo no mundo e tem seu correlato interno. Poderia fazer simplesmente por fazer, como arte por arte; mas a objetividade vivencial não me permite. Preciso subsistir. Não somente durante a execução de meu projeto vital, mas também depois que este - e minha vida física - estejam concluídos. Ou seja que, na situação distópica atual, uma condição seria que deveria receber alguma forma de retribuição econômica.

O sentido seria dado pela continuação da vida, e não somente pela minha própria, o que admite diferentes níveis, desde as condições mais paupérrimas, até os maiores requintes do luxo. Enquanto mais alto apontamos na escada, mais nossa ação é absorvida pela aquisição e acumulação de coisas, artigos, produtos. Enquanto mais abaixo, apenas nos preocupamos pelo que seja para uso imediato ou essencial.

Ainda que meus desejos mais íntimos não sejam alheios à posse de muitas das coisas disponíveis no sistema, não é aliciente suficiente para me impulsar a lutar somente para obter tudo aquilo que não tenho. A lista se faz insofrivelmente longa e a aquisição de uma coisa traz consigo a crença de não poder prescindir da seguinte. É um poço sem fundo que suga toda a energia disponível. Não dá paz nem sossego, além de seguir alimentando o sistema estúpido dentro do

qual estamos obrigados a funcionar. Não se encontra sentido permanente nisso, nem dá satisfação duradoura.

Uma posição mais moderada, limitando as possessões materiais e o consumo, parece mais acertada. Em princípio, dá a impressão de maior liberdade relativa, menos exposição à frustração. Parece implicar uma vida mais tranqüila e feliz.

Mas também qualquer uma destas posições ajuda ao adormecimento da consciência, pois implica num não-comprometimento com qualquer que sejam as ocorrências no mundo. Uma felicidade boba e banal, cercada de ignorância, rodeia como uma aura a quem se refugia nessa cômoda posição. Sua vida se estanca num mundo de ilusão, onde florescem as mais variadas crenças cretinas para se autojustificar.

Aí podemos encontrar uma certa realização da pessoa por autolimitação, pelo que deixa de ter ou fazer. Mas a satisfação obtida é frágil e egoísta, desde que não se compromete com ações de evolução pessoal e social, que fazem ao sentido mais profundo da vida.

Dali que seja essencial a todo ato a projeção deste, tanto no mundo material como na consciência. Toda consideração de uma atividade decisiva deve tomar em conta este fato.

Dada a situação pessoal e as condições infra-humanas oferecidas pelo sistema, a única forma de realização dum projeto seria aceitar um nível mínimo de supervivência, contando com as condições básicas, essenciais, de habitação e alimento, os móveis, roupas e artefatos indispensáveis, além de uma reduzida vida social. Implica um isolamento relativo, imposto pela necessidade de tranqüilidade e não interferência de outras pessoas.

Tudo isto é necessário para realizar um trabalho ininterrupto e contínuo, por um período de tempo específico. Um trabalho que só pode esperar por retribuição depois de estar concluído.

Está ficando perto o dia em que ordene meus pensamentos e emoções e coordene meu acionar para sair da caverna. Tenho que dar minha vida à causa da vida e da sobrevivência. Aos poucos, algo tem que mudar. O livro de minhas memórias vai nascer. Ficar calado, dormido, inativo, imbecil, não pode nem deve ser meu rol nesta obra. Terei que renunciar a muitas coisas, especialmente à comodidade, em geral, e à resignação. Devo renunciar aos devaneios típicos da época, por ser os que contribuem ao estado das coisas. Tenho que assumir meu ser e enfrentar as conseqüências. Sofrer as penas sem procurar a glória. Ser como eu acredite que devem ser os tripulantes desta nave espacial chamada Terra, para sobreviver da melhor maneira possível. Não devo me alienar com o conhecido, mas inventar o nunca experimentado.

Enfim, outra miragem pela frente. Outra cenoura bamboleando ante os olhos do jegue. Outra quimera a perseguir. Outro devaneio a ser rompido. Outra derrota e mais uma frustração para alimentar o sofrimento. Outro futuro vazio, enchido pela vaidade do presente. Outra dor, outra pena pelo que é impossível. Mais um sofrimento pelo inalcançável. Outra vez o de cada vez, de todas às vezes e de sempre. Somente outra estação no trânsito sem detenção. Outra vez a aparente quietude dum momento que engana o movimento perene de quem viaja.

A psicologia clássica tenderia a interpretar a solução encontrada como prova de fuga de padrões estabelecidos na sociedade. Sua rigidez marginaliza e até inviabiliza variantes e experiências novas, imaginativas, ou simplesmente produzidas pelo acaso de circunstâncias em que indivíduos não têm controle sobre a eleição de suas possibilidades vitais. Respondem mecanicamente aos estímulos do meio, procurando meramente a sobrevivência, até no sonho, sem

poder ter no cérebro nem na ocupação diária espaço para outra coisa que isso: a sobrevivência básica.

Situações se produzem quando indivíduos ou grupos elaboram respostas “bizarras”, fora dos padrões hegemônicos. No social, chega ao extremo da rejeição ao sistema, tentando ilusoriamente de existir fora deste, mas sobrevivendo graças a ele.

A fuga dos padrões é constatada no dissidente.

Veja: “O Dissidente Padrão” - J.J. Holmes/Jeremias Jonathan Separated Universe Editions.

A coisa é que, ou criamos outra forma de sobreviver, ou nos auto-eliminaremos. Essa mudança é o que a gente acostuma de chamar de utopia, não acreditando na possibilidade de realizá-la, não querendo escapar à morte niilista disfarçada com mil fantasias sobre a naturalidade dos fenômenos vitais e a inevitabilidade da destruição total, como seria inevitável a morte individual; confiando em crenças imobilistas, defensoras de um sistema danado e caduco; com medo de poder viver num mundo feliz.
